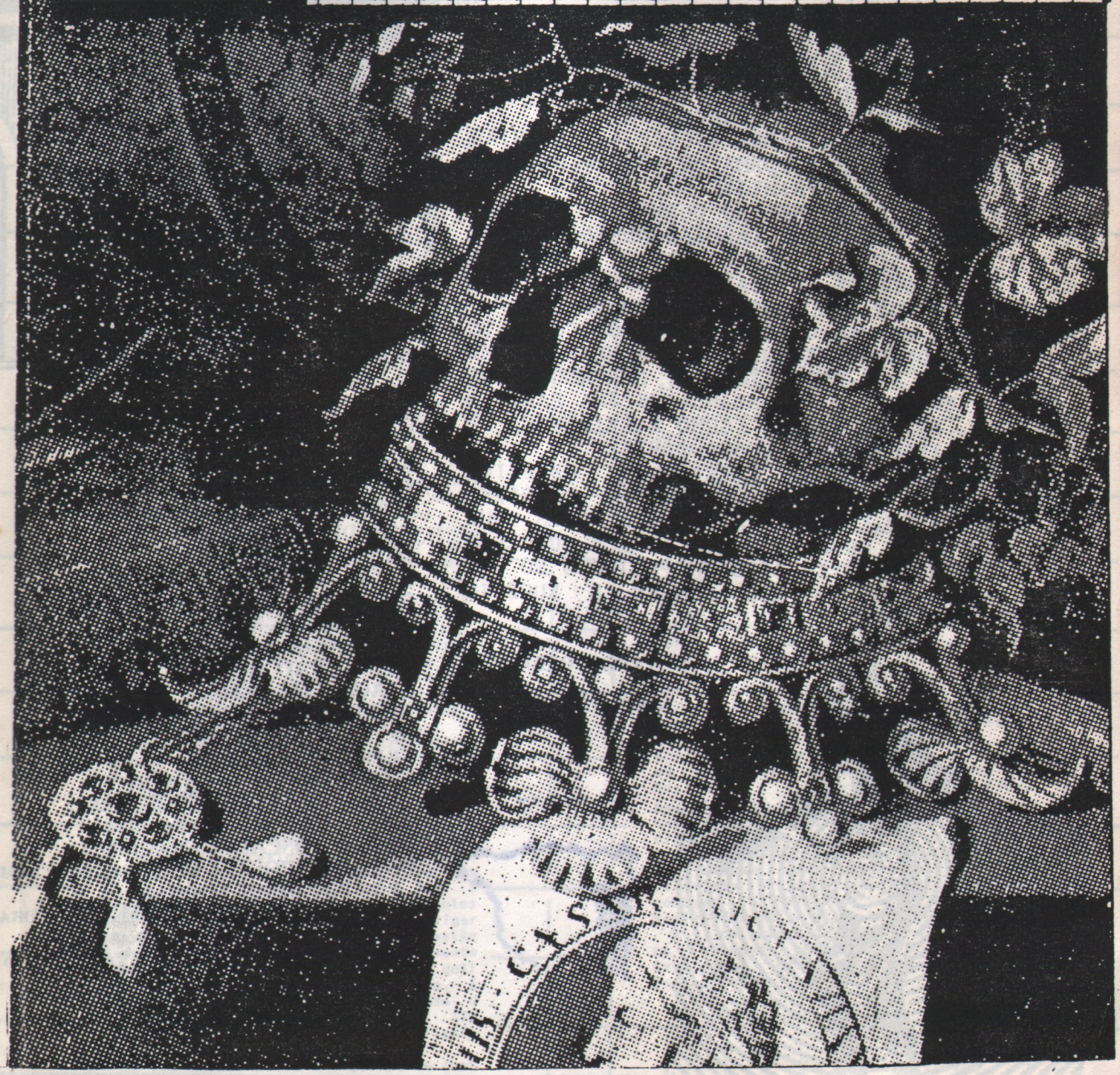
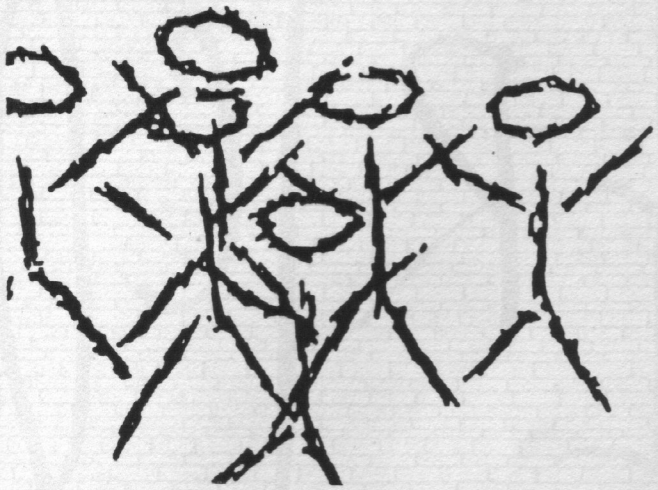
IBÉRICO

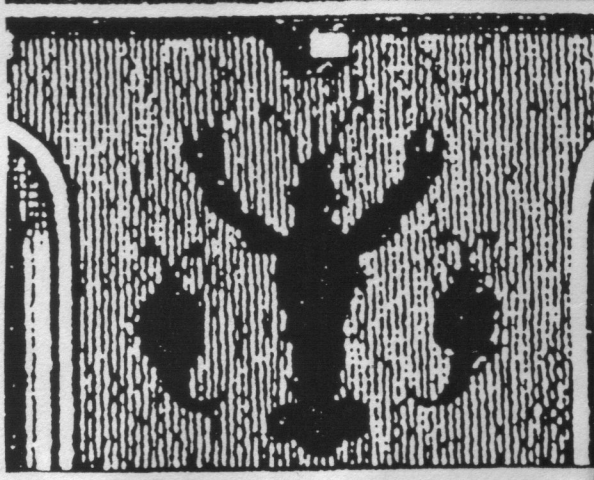
200$00



INVERNO 1988

Editorial

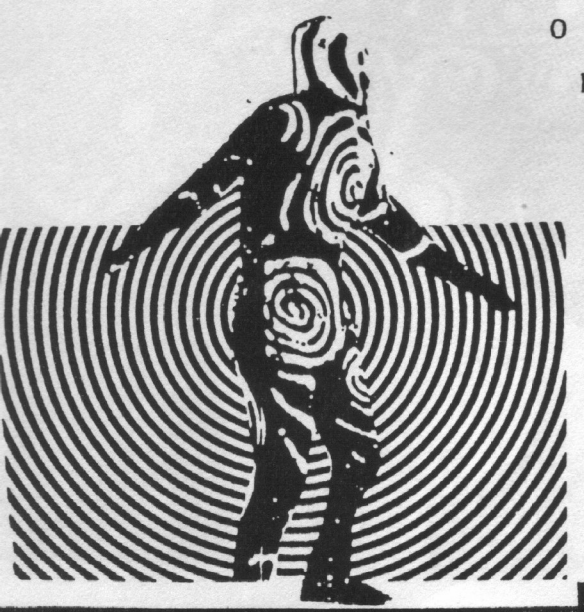


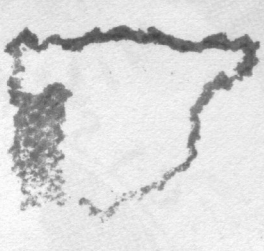


DEITEM FOGUETES MEUS FILHOS !!
FINALMENTE SURGE NAS VOSSAS MÃOS O PRIMEIRO ÚMERO DO IBÉRICO, UM FANZ QUE PRETENDE NÍCAMENTE NÃO PASSAR DESPERCEBIDO.
ESTIVEMOS UM ANO EM EXPERIÊNCIAS, O EMBRIÃO URGIU EM MARÇO SOB A FORMA DE NÚMERO ZERO E OJE EIS QUE LEÊM O PRIMEIRO.
EM CONTEXTO PODEM NESTAS QUARENTA PÁGINAS LER ARTIGOS MUSICAIS (NOMEADAMENTE SOBRE PROJECTOS E REGISTOS), ARTIGOS HISTÓRICO/POLÍTICOS E TAMBÉM MUITOS OUTROS QUE A PRIORI NOS ESCUSAMOS DE RÓTULAR.
PRETENDEMOS TORNAR O IBÉRICO PERIÓDICO, ISTO APESAR DE NÃO NOS PRETENDEMOS VINCULAR A UMA PERIODICIDADE PRÉ-ESTABLECIDA; POR AGORA FOI O DO INVERNO 88 E PREPARAMO-NOS JÁ PARA A PRIMAVERA 89 SE HOUVER (COMO É EVIDENTE) O RESPECTIVO FEEDBACK DA VOSSA PARTE.
PARA TERMINAR RESTA PRESTAR O MERECIDO AGRADECIMENTO À EQUIPA QUE TORNOU POSSÍVEL ESTA REALIZAÇÃO,EM ESPECIAL A DOIS NOMES QUE DESDE O ÍNICIO COLABORARAM A 100% E QUE SEM ELES O IBÉRICO TERIA SIDO UM PROJECTO SÓ DE CAFÉ, SÃO ELES: FRED SOMSEN E EUGÉNIO TEÓFILO. OBRIGADO!

O IRRESPONSÁVEL

PAULO SOMSEN





SUMÁRIO

SOBREVIVÊNCIAS-PAULA RIBEIRO
HIP HOP -ANTÓNIO MENDES
O DIABO ESTAVA...-BUKOWSKI
DUSTDEVILS-IBÉRICO
MUSLIMGAUZE-IBÉRICO
IN THE NURSERY-IBÉRICO
FRONT LINE ASSEMBLY-JOSÉ MOURA
BREATHLESS-IBÉRICO
DIE BUNKER-IBÉRICO
GEIN'ST NÄIT-IBÉRICO
ZERO KAMA-IBÉRICO
RED HOT CHILI PEPPERS-IBÉRICO
SEVERED HEADS-IBÉRICO
CRITICAS DE DISCOS
FIRE RECORDS-MIGUEL SOMSEN
PERMIS DE CONSTRUIRE-IBÉRICO
NIHIL AVT MORS-OS PRÓPRIOS
ARTUR GONÇALVES-JOSÉ FAÍSCA
OS PADRINHOS E A DEUSA-ADAPT. F.SOM
. E DEPOIS DO 28 ?-IBÉRICO
MY VIOLENCE IS A DREAM-T. SAAVEDRA
MARQUIS DE SADE- ADAPT. IBÉRICO
A LIBERDADE DE EXPRESSÃO-IBÉRICO

IBÉRICO= EUGÉNIO TEÓFILO+PAULO SOMSEN

Sobrevivências

CRÓNICAS DO DESESPERO

Vivemos numa era em que se definem duas grandes classes:

Os RESIGNADOS e os DESESPERADOS

Assistimos nas últimas décadas do séc. XX ao florescimento de todo o tipo de movimentos, baseados na aspiração à notoriedade.
A busca terrível e incansável da diferença, uma palavra no "top 10" dos anos 80. O tal carácter ímpar, neste caso detectável preferencialmente, à primeira vista.

No entanto, esta diferença na prática não é mais do que uma ilusão egocêntrica. Formam-se blocos incestuosos, desprotegidos, que se isolam e fogem da realidade formulando protestos inseguros e passivos. Estes são os sujeitos indiferenciados pela sua busca comum, protótipos duma pretensa reacção a uma sociedade estereotipada.

Como resposta a uma análise generalizante e certamente pragmática das Personalidades Indiferenciadas pela Diferença, surgem duas classes: os Resignados e os Desesperados. Dois perfis que caracterizam o virar da década e a assustadora proximidade do século que nos vai finalmente permitir a vivência de tudo o que já lemos nos livros de ficção científica.

I Os Resignados correspondem a aproximadamente 75% da população. São aqueles que literalmente "Já estão por tudo". Não só estão integrados na sociedade, como sem eles esta não poderia funcionar. São a massa, a matéria-prima. Identificam a palavra viver com o termo sobreviver. O ciclo vital constitui a grande preocupação, e não se aperceberam ainda de que este é "inato". Possuem o tal espírito de sacrifício, a sensação de ter de proporcionar o bem aos outros, quer eles queiram, quer não. É como obrigar a tal velhinha a atravessar a estrada.

Nesta classe não há egoísmos superficiais, só muito, muito profundos. Integrados mas nunca assumidos. O espírito é sempre e absolutamente altruísta - o lema é proporcionar o bem estar, o ego é aparentemente substimado surgindo vulgarmente expressões como "não se preocupem comigo, deixem-me só viver" ou "se vocês forem felizes, eu também sou".

É esta a massa. São estes os pilares da sociedade, aqueles que não se apercebem daquilo que são, aqueles que não têm um número demasiadamente elevado de neurónios. São os "bonzinhos", docinhos como pastelinhos de nata.

Impensável mudar a sua trajectória quotidiana. Qualquer iniciativa é considerada como um perigo. Tudo tem de ser bem definido, e entrar numa rotina diária e escrupulosamente estudada, de maneira que nada seja deixado para depois ou, pior ainda, ao acaso. Também é tarefa dos resignados, controlar e regular a vida dos outros. Eles têm muita experiência. E que bom é transmitir os seus conhecimentos empíricos aos semelhantes(?),e obrigar mesmo a aceitá-los, afinal já estão dados como certos e perfeitamente integrados. Compreender o mundo, do qual se encontra excluído todo o acaso, é reconhecer que tudo acontece segundo o Destino para o maior bem do Todo. São uns estoicistas à boa maneira de finais do século XX.

Os Resignados podem dividir-se em duas sub-classes:
os Resignados Contentes e os Resignados Tristes.

Os Contentes são aqueles que, tal como o nome indica, encaram a vida como uma dádiva, tendo assim a obrigação de permanecer com boa disposição. Os problemas têm de ser resolvidos e logo esquecidos, para se poder afirmar "Já passou". Possuem também a já referida visão altruísta, tendo assim a certeza de que a boa disposição é contagiante, logo todos vão ficar contentes (e viver assim para sempre, casar e ter muitos filhos, etc..).

São optimistas, mas quando um problema toca no panorama drástico, aí passam do módico bem estar à explosão enraivecida e talentosa exteriorização de sentimentos. Isto é no entanto, raro. O mais comum é a chantagem: "eu estou sempre bem, vocês é que não sabem viver", ou "se olhassem para os desgraçadinhos, já não tinham tantos problemas".

Já nasceram contentinhos e, coitadinhos, permanecem assim até à entrevista no purgatório - a partir daí já não sei.

A diferença essencial entre as duas sub-classes é que, enquanto na primeira se os pais, os filhos, o conjuge estiverem contentes, o sujeito está contente, e na segunda, nas mesmas circunstancias ele está triste. Ou seja, o primeiro, apesar de resignado e mentecapto, é mais versátil - pode ficar triste se estiverem todos tristes, pois espera-o a missão de na tristeza encontrar um foco de felicidade (escondidinho), na segunda permanece triste qualsquer sejam as circunstancias proporcionadas.

O Resignado Triste é aquele que além de todas as qualificações de resignação, tem uma componente erística. A vida é assim mesmo, mas é um erro. Todos fazem tudo mal feito. O Triste é um eterno incompreendido. Sente-se mal, em qualquer lugar. É terrivelmente dogmático, académico, com uma dose adequada de cepticismo mal compensado por uma frivolidade muito presente.

Os poucos conhecimentos adquiridos vão ser firmemente defendidos e explorados até ao último instante duma conversação, a mais inteligente que seja. Nasceram para a dor e na dor vivem. Continuam no entanto a ser filantrópicos. Vivem sufocados por uma tristeza contínua e mesmo assim, apesar de todos os problemas, as dores, os horrores, são bons - espalham a bondade e, - ai daquele que degenera.

Entre os Resignados e os Desesperados, não há, como poderia parecer à primeira vista, um antagonismo absoluto. A diferença fundamental está, sem dúvida, na percentagem de ansiolitococos - como sabeis, os vírus da ansiedade - no sangue. Enquanto os Resignados conservam a flora ansiolitocáquica inalterada, a dos cultivadores do desespero duplica cada dia.

Os Desesperados no segundo ano de vida já correm para chegar à sala da televisão sessenta segundos antes de começar o "Vitinho" ... os bebés Resignados já lá estão há duas horas.

Mas, de ansiedade falo para a próxima, na segunda parte de Crónicas do Desespero intitulada obviamente Os Desesperados.

Paula Gomes Ribeiro

22 Outubro 88

O HIP HOP NÃO TEM DENTES

Nem podia ter. Onde é que já se viu a música ter dentes. Se bem que durante muito tempo muita gente pensava que tivesse.Ora pois. Se não ouvia, nem queria ouvir, era com toda a certeza porque temiam que lhes mordesse. Mas agora não. Não há problema. Vão aos bares e discotecas e já não temem ouvir uns RUN DMC ou uns PUBLIC ENEMY.Se fôr preciso até compram uns disquitos 'dessa' música.Mas o problema dos dentes não me larga. Se calhar tem mesmo dentes.Pois é, foi então por isso que, há uns dias, um amigo meu deixou cair no chão um disco novo do Microphone Prince.Bate certo.Antes de o deixar cair, ele disse: "Ai! Ai!". E pronto, o disco estava no chão.Não, um açaime não. Não lhe ponham um açaime, por favor !!!

Mas então, havendo discos de HIP HOP, com fartura, desde 83, porque é que só agora se começou a ouvir desta música ? Música !?
Às tantas nem é música. Umas caixas de ritmo sempre a fazerem barulho. Uns sintetizadores sempre nhec, nhem, nhec, nhem.Depois põem-se a acertar os discos uns por cima dos outros (e deixam ficar gravado), scratch, wikie, wikie. Como se isto não bastasse, vai de se pôrem a contar histórias da vida deles por cima daquilo tudo. Isto é lá coisa que se apresente ? Não é. Pois então não tem dentes. Tem placa. E aposto que usa daquelas porcarias para a colar ao céu da boca.

Bem fazia a Sugar Hill Records que, num Old Style bem catita, roubava as bases rítmicas e lá se punham a cantarolar. Agora é tudo New Style, tudo muito eléctrico. Old Style tem estilo. Parece faroeste. Faz lembrar cóbois e coisas assim. Não é que isto tenha a ver com o Hip Hop mas pelo menos tem estilo, não é ? Agora New Style ? Isso é lá coisa que se diga. Até parece que tem a ver com porcarias para o cabelo. (vá lá a gente saber porquê).

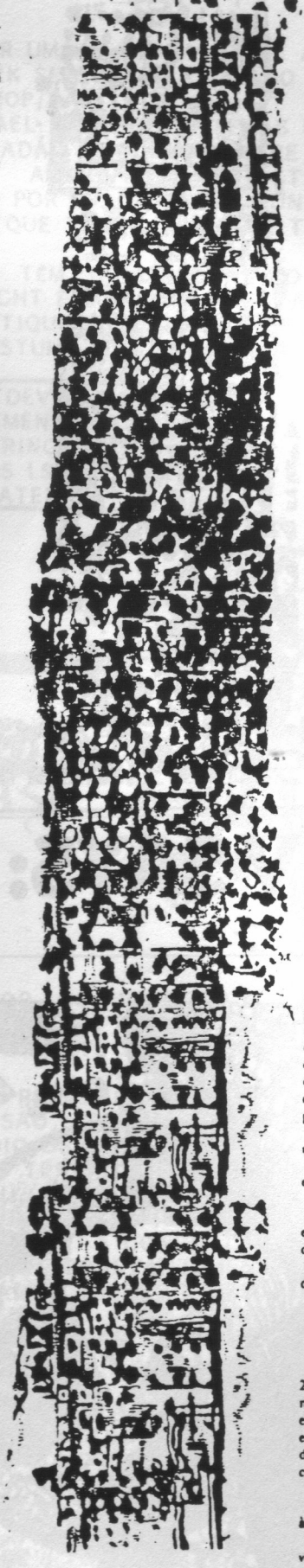
Agora sempre se vende bem coisas com interesse. Não é como há alguns anos que andavam por aí os Break Machine, e coisas do género. Agora, sempre temos uns Derek B, e outras coisas assim. Mas por este andar ainda vamos ver o Glenn Medeiros gravar um Hawaiin Rap. Pior que isso só saber que o Julio Iglesias tinha gravado uma nova versão de "I would die 4 U"(Prince) tipo (*) "I would rap 4 U".

Querem saber mais ? Se o Hip Hop tem dentes deve ir ao dentista.
Nós é que não temos nada a ver com isso.

(*) Uma empresa de automóveis pagou-me bem para a inclusão desta palavra.

Charles Bukowski

O DIABO ESTAVA COM UMA TESÃO INFERNAL



Ora bem, eu tivera uma discussão com Flo e não me apetecia embebedar-me ou ir a uma casa de massagens, por isso, meti-me no carro e dirigi-me para oeste na direcção da praia. Era já noite escura e ia devagarinho. Cheguei ao cais, arrumei o carro e vim pelo molhe acima. Parei na casa de flippers, joguei umas partidas, mas fedia tanto a mijo que me vim embora. Já não tinha idade para andar de carrossel, por isso nem sequer parei junto dele. Os gajos que andavam por ali a passear eram os do costume — uma multidão meio sonolenta e indiferente.

Foi então que reparei num som de rugido que vinha de um edifício ali perto. Era uma gravação ou um disco, sem dúvida nenhuma. Em frente da porta havia um tipo a anunciar: «É entrar, minhas senhoras e meus senhores, é entrar, é entrar... Capturámos mesmo o Diabo! Está aqui à vossa disposição, mostramo-lo para que possais vê-lo com os vossos próprios olhos! Pensai bem, apenas 25 cêntimos, apenas um quarto de dólar, e podeis ver mesmo o diabo em carne e osso... o maior derrotado de todos os tempos! O derrotado da única tentativa de revolução no céu!»

Bem, eu estava mesmo em ponto de rebuçado para assistir a uma pequena comédia que viesse contrabalançar aquilo que Flo me andava a obrigar a passar. Paguei os meus vinte e cinco cêntimos e entrei lá para dentro com mais uns seis ou sete tansos sortidos. Tinham o tipo dentro de uma jaula. Estava pintado de vermelho e tinha na boca uma coisa qualquer que fazia com que ele deitasse cá para fora ums rolinhos de fumo e umas chamazitas. O gajo não representava lá muito bem, limitava-se a andar lá dentro às voltas e a repetir sem parar: «Inferno, tenho de sair daqui! Como é que eu vim parar a este frigorífico?» Bem, tenho de confessar que o gajo parecia mesmo perigoso. De repente, deu três flicflacs à rectaguarda, e, no último flicflac, depois de pôr os pés no chão, olhou em torno e disse: «Merda, sinto-me horrivelmente mal!»

Foi então que me viu. Veio direito ao lugar onde eu me encontrava, mesmo junto aos ferros da jaula. Estava quente como um radiador. Não sei como os gajos conseguiam fazer aquilo.

— Meu filho — disse ele —, até que enfim que vieste! Tenho estado à tua espera. Há trinta e dois dias que estou à espera na merda desta jaula!

— Não sei do que é que estás a falar!

— Meu filho — disse ele —, não brinques comigo. Vem buscar-me hoje de madrugada com um alicate e liberta-me.

— Não te ponhas a dar-me tanga, pá — disse eu.

— Estou aqui há trinta e dois dias, meu filho! Por fim vou conseguir a liberdade.

— Quer você dizer que se considera mesmo o diabo!

— Eu enrabe o cu de um gato, se não é verdade! — respondeu.

— Se você é o diabo, então pode utilizar os seus superpoderes para sair dessa jaula.

— Os meus poderes desapareceram temporariamente. Este tipo, o feirante, foi apanhado pela polícia e levado para a pildra, por bebedeira, comigo. Eu disse-lhe que era o diabo e ele pagou a minha caução. Se eu não tivesse perdido os meus superpoderes não teria precisado dele. Embebedou-me outra vez e quando acordei vi-me fechado aqui nesta jaula. Esse grandessíssimo alimenta-me a comida de cão e sandes de manteiga de amendoim.

— Estás louco — disse eu —, tu deves é ser maluco.

— Meu filho, anda lá, vem cá esta noite e traz o alicate.

O feirante entrou e anunciou que a sessão com o diabo terminara e que, se quiséssemos vê-lo outra vez, tínhamos de pagar mais 25 cêntimos. Eu já vira que chegasse. Vim-me embora dali com os outros seis ou sete tansos sortidos.

— Ei, o gajo esteve a falar consigo — disse um gajo baixinho que ia ao meu lado. Vim cá todas as noites e você é o primeiro gajo com quem ele fala.

— Tretas — disse eu.

O feirante deteve-me:

— O que é que o gajo lhe disse? Vi-o falar consigo. O que é que ele lhe disse?

— Contou-me tudo — respondi.

— Bem, não lhe ponhas as patas em cima, pazinho, o gajo é meu. Nunca fiz tanto dinheiro desde que andei a mostrar a mulher de barbas com três pernas.

— Que aconteceu a essa mulher?

— Fugiu como homem-polvo. Compraram uma quinta no Kansas.

— Eu acho que vocês são uma cambada de doidos.

— Só te estou a avisar! Fui eu que encontrei esta gaja! Não metas o nariz!

Dirigi-me para o meu carro, entrei e fui ter com a Flo outra vez. Quando entrei em casa dela estava sentada na cozinha a beber whisky. Ali sentada, repetiu-me para aí umas centenas de vezes que eu era um grandessíssimo pedaço de asno inútil. Fiquei a beber um bocado com ela, mas não falei muito. Depois, levantei-me e fui à garagem, peguei no alicate, meti-o no bolso, entrei no carro e dirigi-me para o cais.

Forcei a entrada pelas traseiras, o ferrolho estava enferrujado e facilmente saltou. Estava o gajo deitado no chão da jaula, a dormir. Comecei a tentar cortar os ferros, mas não conseguia. Eram muito grossos. Foi então que ele acordou.

— Meu filho — disse —, sempre voltaste! Eu sabia que havias de voltar!

— Ouve lá, pá, não consigo cortar estes ferros com o alicate. São muito grossos.

Ele levantou-se:

— Dá-me cá isso!

— Meu Deus — disse eu —, que quentes tens as mãos! Deves estar com febre!

— Não me chames Deus! — disse ele.

Cortou o ferro com o alicate, como se fosse um aramezito e saiu para fora.

— E, agora meu filho, vamos para tua casa. Tenho que recuperar forças. Uns bons bifes do lombo e fico outra vez bestial. Comi tanta comida de cão, que desconfio que ainda desato a ladrar quando menos se espere.

Fomos para o carro e eu levei-o para minha casa. Quando lá chegamos a Flo ainda estava sentada na cozinha a beber whisky. Dei-lhe uma sande de bacon frio e ovos estrelados para abrir o apetite e sentámo-nos à beira da Flo.

— O teu amigo é um diabinho muito giro — disse-me ela.

— Ele diz que é mesmo o diabo — respondi.

— Já há muito tempo — disse ele —, que não como uma mulher como deve ser.

Inclinou-se para a frente e deu um beijo demorado a Flo. Quando a largou, ela parecia em estado de choque:

— Esse beijo foi o beijo mais quente que já me deram — disse ela —, e já me deram muitos.

— É verdade? — perguntou ele.

— Se você fizer amor mais ou menos como beija, deve ser demais, deve ser mesmo *demais!*

— Onde é o teu quarto? — perguntou-me ele.

— Basta seguir a senhora — respondi.

Foi atrás de Flo para o quarto e eu deitei um grande pedaço de whisky dentro do copo.

Nunca na vida ouvi gritos e gemidos como aqueles e a coisa durou uns bons 45 minutos. Depois, o gajo saiu do quarto sozinho, sentou-se e serviu-se de uma bebida.

— Meu filho — disse —, a tua mulher é muito boa.

Dirigiu-se para o sofá da sala da frente, esticou-se e pôs-se a dormir. Entrei no quarto, despi-me e meti-me na cama com a Flo.

— Meu Deus — disse ela —, meu Deus, nem acredito! Ele fez-me passar as delícias do céu e do inferno!

— Só espero que não pegue fogo ao colchão — disse eu.

— Porquê? Ele adormece a fumar?

— Esquece — disse eu.

Bem, o gajo começou a tomar conta da minha casa. Fui eu quem teve de passar a dormir no sofá. Tinha que ficar a ouvir a Flo gritar e gemer lá dentro durante toda a noite. Um dia, a Flo tinha ido às compras e nós estávamos a tomar uma cerveja no canto do pequeno almoço. Tive então uma conversa com ele.

— Ouve lá — disse eu —, não me importo de ajudar uma pessoa, mas eu neste momento perdi a cama e a mulher. Vou ter de pedir que saias desta casa.

— Acho que vou ficar cá mais um bocado, meu filho, a tua patroa é um dos melhores pedaços que já comi.

— Ouve lá, pá — disse eu —, se calhar vou ter que recorrer a meios extremos para te pôr na rua.

— Estás-te a armar em duro, é? Ora olha bem para isto, ó duro, tenho algumas novidades a anunciar-te. Já recuperei os meus superpoderes. Se tentares foder-me, ainda te podes queimar. Ora olha!

Nós tínhamos um cão, chamado Old Bones; não valia muito, mas ladrava de noite, era um bom cão de guarda. Bem, o gajo apontou o dedo dele para o Old Bones, o dedo começou a fazer assim um som meio vibrante, depois como de espirro, começou a chiar e saiu de lá um fino feixe de luz direito ao cão. O cão começou a fazer um barulho de frigideira e depois desfez-se no ar. Pura e simplesmente desaparecera do lugar onde se encontrava antes. Nada restava dele nem ossos, nem pele, nem sequer o fedor a cão. Só havia espaço.

— Pronto, pronto, pá — disse-lhe eu. — Podes ficar mais uns dias, mas depois tens de ir-te embora.

— Frita-me um bife do lombo — disse ele —, tenho fome e receio que o teor de esperma baixe.

Levantei-me e atirei um bife para a frigideira.

— Faz-me umas batatas fritas para acompanhar — disse ele —, e uma salada de tomate. Café não é preciso. Tenho andado com insónias. Tomo é mais uma ou duas cervejas.

Quando eu lhe pus a comida em frente dele, a Flo estava de volta.

— Olá, meu amor — disse ela —, como estás?

— Estou porreiro — respondeu ele. — Não tens ketchup?

Saí, meti-me no carro e fui em direcção à praia.

Ora bem, o feirante tinha arranjado outro diabo. Paguei os 25 cêntimos e entrei. Este diabo não era lá grande coisa, realmente. A tinta vermelha que lhe tinham espalhado por cima estava a matá-lo aos poucos e bebia para conseguir não dar em doido. Era um gajo bastante grande, mas não tinha qualidades nenhumas. Eu era um dos poucos fregueses do espectáculo. Havia ali mais moscas do que pessoas.

O feirante aproximou-se de mim:

— Desde que me roubaste o diabo verdadeiro quase morro à fome. Ás tantas montaste um espectáculo teu com ele, não?

— Ouve lá — disse eu —, eu daria tudo para o trazer de volta. Eu só quis ser bom para ele.

— Sabes o que acontece aos gajos bons neste mundo, não sabes?

— Sei, sim, acabam nas ruas, à esquina da sétima avenida e da Broadway a vender propaganda dos Jeovás.

— Chamo-me Ernie Jamestown — disse ele —, conta-me lá tudo o que se passou. Temos um quarto nas traseiras.

Fui com ele para o quarto. A mulher estava sentada à mesa a beber whisky. Ergueu o olhar.

— Ouve lá, Ernie. Se esse filho da puta é que vai ser o nosso novo diabo, o melhor é esqueceres tudo, nem penses. Mais valia apresentar um triplo suicídio.

— Tem calma e passa a garrafa — disse Ernie.

Contei a Ernie tudo o que se passara. Escutou-me atentamente e comentou:

— Eu consigo livrar-te dele. Ele tem dois pontos fracos, bebida e mulheres. E há outra coisa, não sei porquê, mas quando ele está fechado, como quando estava na esquadra ou na jaula ali fora, perde os seus poderes sobrenaturais. Muito bem, vamos trazê-lo para aqui.

Ernie foi ao armário e trouxe uma massa de cadeados e de aloquetes. Depois foi ao telefone e chamou uma tal Edna Hemlock. Disse-lhe para se encontrar connosco dentro de vinte minutos na esquina junto ao Bar do Woodie. Ernie e eu entrámos no meu carro, parámos para comprar duas garrafas de whisky na loja de bebidas, fomos ter com Edna, metêmo-la no carro e dirigimo-nos para minha casa.

Ainda estavam os dois na cozinha. Estavam aos beijos como doidos, na grande marmelada. Mas, mal viu Edna, o diabo não ligou mais à minha patroa. Deixou-a cair como um par de cuecas manchadas. Edna era coisa perfeita. Quem a fez sabia do negócio.

— Porque é que vocês dois não bebem umas bebidas para se conhecerem melhor? — perguntou Ernie, pondo um copo cheio de Whisky junto de cada um deles.

O diabo pôs-se a olhar para Ernie:

— Ei, pá! Tu não és o marmanjo que me meteu dentro da jaula? Não és?

— Esquece isso — disse Ernie — o que lá vai, lá vai.

— Lá vai, o caralho! — disse o diabo. Esticou o dedo, e o feixe de luz atingiu Ernie, e este desapareceu.

Edna sorriu e ergueu o copo de whisky. O diabo sorriu também, ergueu o copo dele e bebeu-o de um trago.

— Boa pinga! — disse. — Quem comprou?

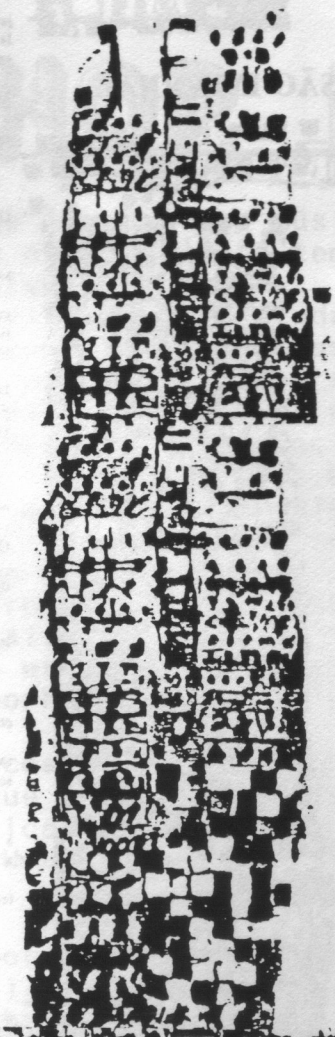
— Aquele homem que se foi embora ainda agora mesmo — respondi eu.

— Ah.

Serviram-se de outra bebida os dois e começaram a deitar os faróis um para o outro. Então a minha patroa disse-lhe:

— Tira os olhos dessa vagabunda!

— Qual vagabunda?



— Essa!

— Bebe mas é, e cala-te!

Apontou o dedo para a minha patroa, ouviu-se um crepitar e ela desapareceu. Feito isto, pôs-se a olhar para mim:

— E tu, tens alguma coisa a dizer?

— Oh, fui eu quem te levou o alicate, lembras-te? Eu estou aqui para fazer uns recadinhos, trazer as toalhas, etc ...

— Não há dúvida de que sabe bem recuperar os poderes sobrenaturais.

— E vieram a propósito — comentei —, é que temos um problema de sobrepopulação.

Ele estava a olhar para Edna. Tinham os olhos tão fixos um no outro que consegui deitar a mão a uma das garrafas de whisky. Peguei nela, meti-me no carro e fui outra vez em direcção à praia.

A mulher do Ernie ainda estava sentada no quarto das traseiras. Ficou toda contente ao ver a garrafa que eu levava e eu servi dois whiskies.

— Quem é o rapaz que vocês têm ali fechado na jaula? — perguntei.

— É estudante, joga futebol americano numa equipa da universidade daqui. Quer ganhar algum dinheiro para as despesas.

Arrastei a cadeira para junto dela. Ela tinha umas coxas cheias, bonitas. Beijei-a e não resistiu.

— Estou tão cansada desta vida — disse ela. — O Ernie nunca passou de um reles micante. Tu tens um emprego bom?

— Tenho sim, sou fiel de armazém na Drombo-Western.

— Dá-me outro beijo.

Rolei de lado e limpei-me aos lençois.

— Se o Ernie descobre, mata-nos aos dois — disse ela.

— Ernie não vai descobrir. Não te preocupes.

— Tu fazes amor muito bem — disse ela —, mas porquê eu?

— Não estou a perceber.

— Quero eu dizer, porque é que resolveste fazer isto?

— Oh — disse eu —, foi o diabo que me convenceu.

Acendi então um cigarro, deitei-me de costas, dei uma passa e soprei um anel de fumo perfeito. Ela levantou-se e foi à casa de banho. Passado um minuto ouvi o autoclismo.

ESTE EXTRACTO FOI INDECENTEMENTE PIRATADO DE:

A SUL DE NENHUM NORTE

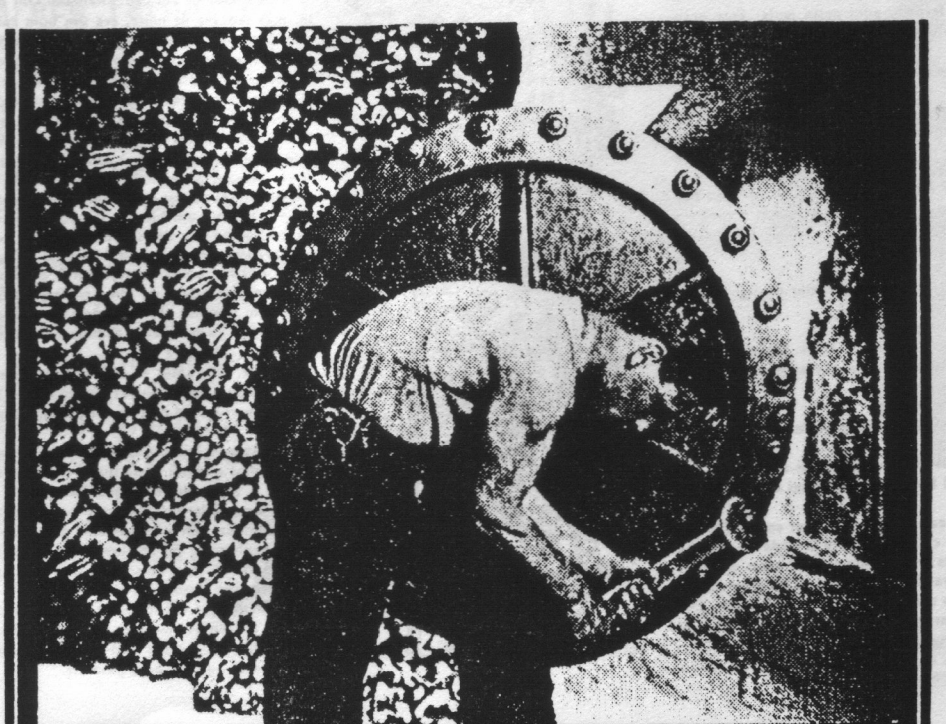
LIVRO LANÇADO POR:

RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES

LARGO DO PICADEIRO 10, 2º

1200 LISBOA

GORBATSJOV SAYS: LET'S ROCK



DUSTDEVILS

É NECESSÁRIO TER UMA PERSONALIDADE ACENTUADA PARA CONSEGUIR ESCAPAR DE NEW YORK SEM VIR CARREGADO DE INFLUÊNCIAS MUSICAIS DA NOVA CULTURA HIP-HOP/RAP.

AUSSIE JAQI E MICHAEL ASSINAM OS TEMAS DOS DUSTDEVILS, BANDA QUE PODE SER ENQUADRADA ALGURES ENTRE O SOM SWANS/SONIC YOUTH (ACLIMATIZADO AOS AMBIENTES CARACTERÍSTICOS DAS PROVÍNCIAS BRITÂNICAS) E QUE POR NADA NESTE MUNDO SE IDENTIFICA COM O FASTIDIOSO SOM RAP QUE TANTA ASPIRINA TEM VENDIDO NESTES ÚLTIMOS MESES.

ATÉ AO MOMENTO TÊM DOIS ALBÚNS NO ACTIVO, O PRIMEIRO DE GENÉRICO GUTTER LIGHT E O OUTRO RHENYARDS GRIN, AMBOS PRENSADOS E DISTRIBUIDOS PELA ETIQUETA SUBURBANA ROUSKA RECORDS.

COMO SE TORNA COSTUME FICA O CONTACTO:

DUSTDEVILS
BASEMENT FLAT
II SPRING ROAD
LEEDS LS6IAD
INGLATERRA

Muslimgauze

BRYN JONES O MENTOR DO PROJECTO É UM ELEMENTO PARA UNS PÉRFIDO, PARA OUTROS HERÓI, QUE NO SEIO DO OCIDENTE SE TEM EMBRENHADO NA CAUSA ÁRABE.

COM A SUA ORIGEM NO REINO UNIDO TEM ELABORADO UMA DISCOGRAFIA QUE ASSENTA NA EXPRESSÃO, SOB VÁRIAS FORMAS, DOS ACONTECIMENTOS QUE TÊM SURGIDO NO MÉDIO ORIENTE NESTES ÚLTIMOS ANOS.

DESDE QUE UM PEQUENO TERRITÓRIO FOI ARRANCADO À NAÇÃO ÁRABE E OFERECIDO AO POVO JUDEU, COM BASE EM PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS, QUE A PAZ DO POVO ÁRABE, NOMEADAMENTE O PALESTINIANO, FOI TRUCIDADA.

MUSLIMGAUZE É ISSO MESMO, A CONCEPTUALIZAÇÃO DAS ATROCIDADES EXERCIDAS SOB UM POVO QUE CONSTANTEMENTE É EXPULSO DA SUA PÁTRIA.

BRYN JONES ELOGIA ASSIM IDOLOS E DESCREVE COM O SEU SOM AS PAISAGENS REPLETAS DE FUMOS, FOGO E SANGUE QUE AS BOMBAS E BALAS TORNARAM O QUOTIDIANO DO LÍBANO E TERRITÓRIOS OCUPADOS, OUTRORA MÃE PÁTRIA PALESTINA.

ALBUNS COMO "ABU NIDAL", "COUP D'ETAT" E "THE RAPE OF PALESTINE" SUMARIZAM DEVIDAMENTE OS SEUS IDEAIS RELATIVAMENTE AO CAOS DE ESCOMBROS QUE SE DENOMINA MÉDIO ORIENTE, SERVINDO AINDA DE APOIO A ESTRUTURAS COMO A OLP, JIHAD ISLAMICA E GUERRILHA AFEGÃ.

DISCOGRAFIA:
KABUL / BUDDIST ON FIRE / BLIND HORSE / FLAGELATA / HAJJ / COUP D'ETAT / ABU NIDAL / JAZIRAT UL ARAB / RAPE OF PALESTINE

·IN·THE·NURSERY·

Avança ou Morre
Sem Esperança sem Medo [..]
Afirmei tudo e para tudo
Desisti de mim
Mais uma vez as Torturas [..]
Volto-me sentindo o Inferno
no meu interior [..]
Avança ou Morre.

ELEGY
(A guerra sem nome, Argélia 1954-62)

Prescuta-se o sentido linear duma revolta delicada.A beleza triunfalmente conseguida nas espiras do vinil.Os espaços hábilmente imaginados pelos ITN esvaiem-se sob o nosso olhar, para áreas distantes, para além da nossa vontade.

A origem monozigótica deste duo fortalece indubitávelmente a coesão quie o produto elaborado expõe. Trata-se afinal do culminar, numa só personagem, do incesto musical dos gémeos Klive e Nigel Humberstone.

Neste berçário em Sheffield os ITN iniciaram a adoração do misticismo, do exótico, através dum som peculiarmente militarista (sem equivalente literário ou ideológico) onde a percussão assumia o fulcro; ela era o esqueleto, a força dinamizadora do som primitivo do projecto (para além dos manos participava ainda Ant Bennett).O uso da viola baixo era ferozmente repartido pela batida agressiva.

Decorre 83 e a banda assina com a Paragon produzindo um 7" e um mini-LP (When Cherished Dreams Come True) bastante curioso já que a sua execução plástica era feita à mão.

Em 85 o grupo muda-se para a NER (New European Records) domínio dos Death in June, inicia-se aqui o começo do classicismo no som ITN com Nigel a abandonar o baixo e a envolver-se com os instrumentos mais acusticos, e Klive absorvido pelas influências da Sheffield Philarmonica Orchestra. Sonority (12") + participação num sampler da NER concluem a curta ligação culminando com a saída, algo conflituosa, da editora, tanto por divergências ideológicas como pela fraca qualidade das gravações postas à disposição do público..

Decorre ainda 85 quando eles se ligam à actual e pequena Sweatbox surgindo o 12" Temper como marca do compromisso.
Com o afastamento de Ant, consuma-se a saciedade da busca do modernismo pela exumação do clássico e é já na forma de duo que o LP Twins aparece. Estávamos em Agosto de 86 e os ITN atingiam um lugar de prestigio no cenário alternativo Britânico.

CONTINUA PÁG. 12

FRONT LINE ASSEMBLY

A OPRESSÃO ORIGINA A VIOLÊNCIA

A marginalidade é um fenómeno que atinge ainda bastantes seres humanos.Marginalidade,aqui,não no sentido de prática de actos ilícitos, crimes.Marginalidade,sim, em termos de diferentes concepções visuais,líricas ou sonoras.

É acima de tudo, um estado de espirito intrínseco a cada um, não apenas uma conduta vazia de quaisquer intenções.

Aqueles que descobrem em si a necessidade de distanciamento de ideias pré-concebidas, concepções pré-impostas, tentam encontrar a força necessária para construir o seu próprio mundo interior, inevitávelmente em contacto com o exterior. Mas nem todos chegam a habitar esse mundo...

Contudo, os que o fazem adquirem o estatuto de "marginais", a par de um sistema que normalmente desconfia das inovações.

Bill Leeb gosta de permanecer na sombra.

ANTECEDENTES *A sua formação musical foi clássica, aprendendo a tocar violino no seu país de origem, a Áustria.*

Após a emigração para o Canadá, Bill (que adquiriu este nome por Wilhelm ser de difícil pronúncia para os canadianos) começa a interessar-se pelas tendências electrónicas e industriais europeias, nomeadamente Kraftwerk, Test Dept. e Liasons Dangereuses.

1983/86- Em 83 surgiram os S.Puppy e Bill era parte integrante do grupo, a par de Cevin Key e Nivek Ogre, todos grandes aficcionados de filmes de terror. "Sentia-me orgulhoso por fazer parte do projecto.Fazia-se excelente música e nunca ninguém no Canadá tinha produzido sons como nós o fazíamos."

Apesar de ter participado em três discos como membro da banda, Bill começava a sentir que as suas ideias visuais e musicais raramente prevaleciam e não se sentia muito integrado no rumo que o grupo estava a tomar. Ao que parece, as influências dos filmes de terror estavam a tornar-se excessivas, e isso refletia-se quer na música, quer no visual dos Skinny Puppy.

Mesmo tendo um projecto à parte com Nivek Ogre (os Mutual Mortuary que gravaram apenas 5 temas), Bill decidiu em 86 romper os laços com os seus companheiros de ocasião.

1986 Nos 2 ou 3 meses após ter abandonado o grupo sentiu-se um pouco desorientado, tendo que fazer tudo sozinho. Mas as coisas encaminharam-se na direcção certa e a sua 1ª experiência a solo ficou registada como sendo a K7 "Never War", hoje em dia praticamente impossível de encontrar no mercado (espera-se, contudo, para breve uma reedição remisturada).

Relacionada com esta K7, surgia pela primeira vez a designação FRONT LINE ASSEMBLY, que atraiu uma certa curiosidade dos meios alternativos norte-americanos, ao saberem que Leeb era um ex-Skinny Puppy.

O seu trabalho completamente a solo não duraria muito, já que, meses mais tarde, ele iria poder contar com a colaboração de dois nomes que até hoje continuam ligados a FLA: Rhys "youth" Fulber era um admirador dos tempos dos Puppy que, eventualmente, se tornou amigo de Bill, começando ambos a pôr em prática ideias que se vieram a traduzir no projecto, embora Rhys nunca chegasse a ser membro permanente dos Front.

☞ ☞ ☞ ☞

FRONT LINE ASSEMBLY

Michael Balch conheceu Bill numa festa que os Neubauten deram aquando da sua deslocação a Vancouver. Entregou-lhe uma demo, que serviu de veículo à futura colaboração.

Sendo Michael menbro permanente do projecto, a sua colaboração é muito útil, já que tem uma queda para a tecnologia e, além disso, possui um computador, que na altura veio conceder maior sofisticação ao seu FLA.

1987 - Embora gravada em fins de 86, a 2ª prestação dos FLA - a K7 "Total Terror"- foi editada já em 87, aproximando-se muito do actual som do grupo, que ganhava maturidade e pautava o seu percurso pela busca da originalidade que, hoje, só os mais cépticos põem em causa.

Bill entrou em contacto com Gary Levermore, responsável pela independente britânica THIRD MIND, enviando-lhe uma demo, que não deve ter passado completamente despercebida a Gary, já que logo em Maio desse ano os Front estreiam-se em vinil na dupla compilação "For Your Ears Only" da mesma editora.

LINE

A actividade do grupo ganhou um novo incentivo e daí a pouco tempo já tinham material suficiente para a edição de, pelo menos, um LP. Mas como as editoras interessadas eram europeias,as coisas não foram assim tão fáceis: "Viver deste lado do Canadá enquanto as editoras estão na Europa é problemático, porque há que contar com o tempo que as cartas e as demos demoram a ir e vir. Tudo somado demora meses."

Com efeito, meses se passaram e sómente em Outubro surge o tão esperado LP de estreia. Curiosamente, não na THIRD MIND mas sim na recém-criada editora belga KK. Tão recém-criada que o álbum dos Assembly - "The Initial Command" - inaugurou o catálogo da editora.

Este trabalho é um desenvolvimento das ideias contidas em "Total Terror", onde o resultado é mais que satisfatório , e a música enveredada por um caminho deixado por explorar nos tempos dos SKINNY PUPPY.

Algumas ideias militares (fundamentalmente em termos líricos) e o slogan "Opression Breeds Violence" (a opressão origina a violência) surgem ligados ao grupo: " A nossa música é agressiva porque sentimos que estamos sempre encurralados, oprimidos se não fizermos a música que os manda-chuvas querem."

Um mês depois, em Novembro, é a vez do segundo LP, "State of Mind", na germânica DOSSIER RECORDS.

Este disco representa, sem dúvida, a total personalização do som do grupo, que se liberta de vez de quaisquer clichés que lhe foram impostos. Muita gente não parecia ser capaz de conceber FLA como uma entidade independente. As comparações a SKINNY PUPPY eram constantes (e são-no ainda, embora em menor grau) e para um certo número de críticos FLA parecem não passar de simples protegidos dos PUPPY. Essa afirmação não tem cabimento e "State of Mind" prova-o concludentemente. É um disco simplesmente soberbo que ficará como um marco no percurso do que se pode chamar a corrente neo-industrial. Demonstra perfeitamente a versatilidade do grupo, que é tão capaz de produzir ritmos fortes como sons ambientais. Aliás, essa versatilidade parece ser uma das componentes do seu esquema. Bill Leeb: "Não me agradam os discos que têm uma batida ininterrupta, com uma caixa de ritmos tocando constantemente. Gosto muito mais de criar uma disposição para ideias e coisas diferentes, e isso estará sempre presente na nossa música."

2

O modo como os sons de sintetizador se sucedem é único. São sons aparentemente desconexos, sem continuidade, por vezes desintegrados da estrutura rítmica, mas que soam incrívelmente perfeitos na sonoridade geral.

☞☞☞☞☞☞☞☞

FRONT LINE ASSEMBLY 3

Oiça-se por exemplo "Insanity Lurks Nearby", tema incluído no primeiro álbum: que outro grupo construiria tais ritmos?

Avançando discretamente no meio de toda a corrente de sons está a voz, profunda e segura, surgindo da escuridão. Mas Bill não quer a escuridão total. Ele tenta descrever as coisas de um modo positivo, embora revelando também o lado obscuro: "Tento focar os dois aspectos, deixando o ouvinte decidir qual o caminho que quer tomar, ou a interpretação que quer fazer do significado das minhas letras."

A voz é muitas vezes utilizada como um instrumento suplementar, completando a extrema riqueza da instrumentalização, nunca se sobrepondo a ela.

Nada a apontar, "State of Mind" encontra-se muito perto da perfeição.

1988 - Entretanto, os contactos com a THIRD MIND parecem reavivar-se e, como resultado, logo em Janeiro mais um álbum sai da prensagem: "Corrosion".

A banda continua a desenvolver uma linha que, repito, é única. Uma diferença que se pode apontar em relação a "State of Mind" é o facto de "Corrosion" ser menos pesado, menos complexo, e de nos apresentar sons menos duros e cruéis. Em contrapartida, a voracidade da voz mantém-se e os samplers perpetuam a sua actividade na sonoridade do grupo: coros, discursos, aplausos, fanáticos religiosos, racistas, tudo se integra perfeitamente na música.

Este LP é bastante bem aceite, especialmente nos EUA (onde é editado pela WAX TRAX, sob licença da THIRD MIND), figurando em inúmeras listas de preferências de rádios universitárias.

As "run-off groves" (superfícies do vinil situadas entre o fim do último tema de cada lado e a rodela central do disco) de "Corrosion" anunciavam já que em Maio haveria "Disorder".

Com efeito, esse é o título do subsequente mini-LP do grupo, que não se pode considerar inteiramente um disco de originais, uma vez que "Lurid Sensation" é uma versão ligeiramente diferente da incluída em "Corrosion", e "Agression" tinha figurado um ano antes na já referida dupla compilação da THIRD MIND.

Mesmo assim, este é um disco imprescindível para os mínimamente interessados neste campo alternativo. O tema mais forte, "Body count" (para o qual foi realizado um vídeo propagandístico) é construído à base de um ritmo metronómico que é susceptível de rachar o crânio se ouvido em alto volume... O próprio "Agression", com o ecoar da voz e das batidas, transmite-nos um ambiente quase ao vivo.

Admita-se, a música dos Front tem (ou parece ter) o poder necessário para subjugar as massas. Subjugar, bem entendido, não pelo facto de as pessoas se renderem à música porque gostam, mas sim no sentido de imposição, quer gostem ou não.

A música é opressiva, de facto. A voz também é opressiva, inumana e ao mesmo tempo tão humana. As máquinas e as palavras formam um todo difícil de combater. Mas, no fundo, a componente humana é sempre mais forte, mais hipnotizante, e por duas razões: Em primeiro lugar, quando a voz surge nada mais parece ser tão importante (as samples de vozes, discursos, conferem também um ambiente humano aos temas); em segundo lugar, mesmo os temas não vocalizados conseguem conter réstias de humanidade, quando se olha para os seus títulos: "Eastern Voices", "Testimony", "No Tomorrow" são palavras que encaixam na música de tal modo que ao lê-las e seguidamente escutar os respectivos temas, conseguimos imaginar o seu conteúdo lírico, mesmo quando ele não existe.

A confusão que estas linhas poderão suscitar só se desvanecerá depois de os ouvirem. Aliás, outro assalto está iminente para este Outono, com o 12" "Digital Tensiom Dementia", logo secundado em pouco tempo por um novo longa-duração.

☞☞☞☞☞☞☞☞☞

E é preciso fazer notar que, se estas duas edições se confirmarem, os FLA terão editado no espaço de um ano quatro LP's, um mini-LP e um maxi. Não sendo suficiente, Bill Leeb e Rhys Folber realizaram em Setembro último um projecto denominado "Delirium Faces, Forms and Illusions", na DOSSIER, totalmente consagrado à exploração de sons obscuros e ambientais, provando que a capacidade criativa da banda não se resume a uma caixa de ritmos.

É muito possível que os 3 últimos discos aqui referidos venham a estar disponíveis em Portugal, mas para já, "The Initial Command", "Corrosion" e "Disorder" podem ser encontrados da CONTRAVERSO a um preço mais ou menos aceitável. Talvez descubram que a opressão pode significar beleza, para variar...

DISCOGRAFIA

NERVE WAR	(K7)	- Edição Própria	- Verão 86
TOTAL TERROR	(K7)	- Edição Própria	- Início 87
THE INITIAL COMMAND	(LP)	- KK Records	- Out. 87
STATE OF MIND	(LP)	- DOSSIER	- Nov. 87
CORROSION	(LP)	- Third Mind	- Jan. 88
BODY COUNT	(Video)	- Edição Própria	- Início 88
DISORDER	(mLP)	- Third Mind	- Maio 88
DIGITAL T. DEMENTIA	(12")	- Third Mind	- Out. 88
?????	(LP)	- Third Mind	- Fins 88

+ inúmeros temas em inúmeras compilações de inúmeras editoras

FRONT LINE ASSEMBLY
c/ Bill Leeb
701-1060 Barclay Street,
Vancouver B.C. V6E 1G6
CANADA

·IN·THE·NURSERY·

(CONTINUAÇÃO DA PÁG 8)

Em 87 surge Trinity um EP (contém Elegy) com diversas participações extra grupo (Dolores Marguerit e Q.), elementos que acabam por acompanhar o duo na feitura do LP Stormhorse. Neste, a exuberância do clássico assume proporções muito consideráveis; a fluidez fascinante, sem deixar de ser dubia, dos violinos demonstra que o regresso ao sinfónico (sem implicação temporal) poderá ser a saída de luxo dos ITN. Em termos discográficos o ano de 87 ainda nos trás Compulsion, um 12" com sérias influências dos Art of Noise que nos confirma as ideologias trilhadas no albúm precedente, e o Lp Köda a marcar a sua imprescindivel presença no ano de 88.Trata-se, uma vez mais, de uma preciosa, e bem conseguida aventura destes seres univitelinos.

1983	Witness (to a scream)	(12")	PARAGON
1983	When Cherished Dreams	(mLP)	PARAGON
1985	Sonority	(12")	NER
1985	Temper	(12")	SWEATBOX
1986	Twins	(LP)	SWEATBOX
1987	Trinity	(12")	SWEATBOX
1987	Stormhorse	(LP)	SWEATBOX
1987	Compulsion	(12")	SWEATBOX
1988	Köda	(LP)	SWEATBOX

BREATHLESS

Desprovidos de um som idiotípicamente próprio, os BREATHLESS possuem no entanto um vocalista que dá uma homogeneidade consensual ao material que a banda produz.

Não se poderá obviamente restringir o grupo apenas ao seu vocalista- Dominic Appleton- embora ele tenha sido assumido como o monumento arquétipo da banda. Contudo, em termos de influências, poderemos agrupá-los numa amálgama de nomes tão dispersos como NICK DRAKE, TIM BUCKLEY, PINK FLOYD ou DIVISION.

O som dos BREATHLESS queda-se o distante do imaginário caótico/decadente sendo suficientemente ágil e elaborado para não se dispersar na amálgama de guitarras e sintetizadores que proliferam na música actual.

O resultado final vai ser de certo modo exótico, com um grande sentimento de delicadeza quando iluminado pela voz.

Confirmando-se como o primogénito da banda, Appleton (e pese-se o facto dos BREATHLESS não se inserirem na linha 4 AD'iana) foi um dos poucos convidados extra-4AD que participou no projecto THIS MORTAL COIL, na elaboração do duplo "Filigree And Shadow". Trata-se claramente duma aposta de Ivo, não em mais um projecto musical mas sim numa voz que, sendo fortemente masculina não é rude, conferindo ternura áquilo que expressa. Estes dois aspecttos, bem como a emotiva tristeza que se desprende das vocalizações de Dominic foram magistralmente explorados neste duplo àlbum respectivamente nos temas "The Jeweler" e "Stength Of Strings".

O resto da formação- que inclui Gary, Ari e Tristram- não se limita a preencher o espaço já suficientemente convincente, mas a torná-lo ainda mais numa estrutura independente, sobriamente sólida e inteligente.

Trata-se de mais uma proposta com muito fôlego e força para prosseguir, esperemos que não demasiado ofegante.

BREATH 001-Waterland/Second Heaven (7")
BREATH 002-Ageless (12")
BREATH 003-Two Days From Eden (MINI LP)
BREATH 004-The Glass Bead Game (LP)
BREATH 005-Nailing Colours To The Wheel (12")
BREATH 006-Three Times And A Waving (LP)

BREATHLESS/TENOR VOSSA
1 Colville Place
London W1
England

DIE BUNKER

É UM GRUPO COMPOSTO POR DOIS MÚSICOS.OS SEUS CONCERTOS DEVEM SER CONSIDERADOS COMO ESPECTÁCULOS.EM PALCO TENTAM UMA ENCENAÇÃO DE FORMA A EXPOR UM CONVITE ÀS SENSAÇÕES E EMOÇÕES DO SEU UNIVERSO MENTAL.

COMO OS PRÓPRIOS ESCLARECEM:

"PARA PREPARAR UM ESPECTÁCULO, FOMOS HABITUADOS A TRABALHAR SOBRE UM OU DIVERSOS TEMAS, SENDO ELES O PONTO DE APOIO QUE PERMITE AO INTERLOCUTOR APREENDER A NOSSA INTERVENÇÃO.ESSES TEMAS SÃO TRATADOS, POR UM LADO ATRAVÉS DA MUSICA E POR OUTRO, ATRAVÉS DA ENCENAÇÃO QUE ACTUA DE UMA FORMA DIRECTA E OBJECTIVA SOBRE O ESPECTADOR.ESTA CONCEPÇÃO BASEIA-SE NA ESPONTANEIDADE DOS SENTIMENTOS.NÓS CONSIDERAMOS COMO ASPECTO PRIMORDIAL O AMBIENTE E A ATMOSFERA DOS CONCERTOS POIS É ATRAVÉS DESTES QUE NOS APROXIMAMOS DO ESTADO INICIAL DA CRIAÇÃO - O QUE SIGNIFICA A DESCOBERTA DAS NOSSAS PRIMEIRAS SENSAÇÕES - A DESCOBERTA DO NOSSO SOM."

SÃO OS IDEAIS DOS DIE BUNKER BANDA QUE PRATICA UM SOM DIRECTO E PURO REFLEXO DA SUA CONCEPÇÃO DE COMUNICAÇÃO. SENSAÇÕES CLARAS E BELAS PARA FINALIZAR- A OUVIR.

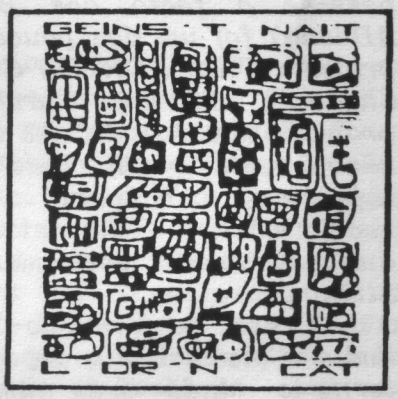
DISCOGRAFIA:

1983 K7 8 TEMAS - V.I.S.A.
1984 COMPILAÇÃO LP -V.I.S.A.
1986 K7 COMP.
OUT OF NOWHERE-NEW ROSE
1987 COMP. LP
PERDURADO-CATHEXIS
COMP.LP
Dr DEATH Vol III
1988 LP DREAMS ARE NOT FREE
- V.I.S.A.

DIE BUNKER PRODUCTION

CONTACTO: DIE BUNKER PRODUCTION
9,rue du Clos Saint Paul
Monchy Saint Eloi
60290 RANTIGNY
FRANCE

GEIN'ST NAÏT



THIERRY MÉRIGOUT APRESENTA PESSOALMENTE O PROJECTO GEINS'T NAIT.TRATA-SE DE UMA BANDA COM MAIS UM ELEMENTO OFICIAL, VINCENT HACHET, E CONTA AINDA COM A PARTICIPAÇÃO DE DIVERSOS MÚSICOS NA CONCRETIZAÇÃO,QUER DOS ESPECTÁCULOS QUER DOS TRABALHOS DE ESTUDIO.

EM TERMOS VINILICOS, ESTÃO LIGADOS À PERMIS DE CONSTRUIRE, CONTANDO JÁ COM DOIS ALBUNS NO ACTIVO- SÃO ELES ,GN E L'OR'N CAT - E UM NA MANGA PARA O FINAL DO ANO.

COMO PRINCIPIANTES QUE SÃO, APENAS DOIS ANOS DE VIDA, GOSTAM DE TRABALHAR NA SOMBRA, ISTO PORQUE CONSIDERAM QUE O SUCESSO OS PODERÁ AFASTAR DO RUMO INICIALMENTE TRAÇADO.

EM PALCO APRESENTAM-SE DISFARÇADOS DE DOIS URSOS, UM VERMELHO E OUTRO VERDE.

FICA O CONTACTO:

18,Rue Jeane D'Arc
NANCY 5400
FRANÇA

G.N

BÉRICO

ZERO KAMA

A intenção primordial de Zero Kama,(aliás Michael Sperlhoffer) responsável pela Nekrophile Records, é a constituição de uma musica que não seja apenas defenida como um estilo ,mas antes, algo envolto numa névoa misticamente mágica, ao mesmo tempo tão funcional como a arte produzida pelas civilizações primitivas.

Devido à assimilação dum certo tipo de moda (verifica-se actualmente que mesmo no seio da cultura marginal se instalou um conceito de moda) a decadência se tenha imposto na cultura industrial, em parte devido ao seguidismo cego que acabou por subverter todos os valores que lhe eram inerentes.

A própria noção de individualismo se tornou numa moda, só que agora um pequeno numero de individuos formulam conceitos de que os restantes se impregnam.Trata-se afinal da massificação do individual, a massificação do Eu.

Contrapondo-se à noção de estilo ou moda (qualquer que seja o tipo) Zero Kama evolui dentro de um conceito tribal de música, construindo uma liturgia adogmática que através do cabalismo se aproxima dos rituais das civilizações da Antiguidade.

Dos seus dois trabalhos disponíveis temos:

VVVVV - Sendo o primeiro trata-se óbviamente da criação da sua filosofia sem dogmas, a qual depois ele idolatra e presta tributos com base na sua pureza.

The Secret Eye of L.A.Y.L.A.H.

- É aqui que o cabalismo atinge o seu auge, todos os instrumentos necessários à execução deste album foram concebidos a partir de esqueletos humanos (craneos na percussão, ossos largos nos instrumentos de sopro e costelas no xilofone).

Todo o LP foi meticulosamente (cabalisticamente) preparado. A data de gravação- 28 de Maio 84 ,e a duração de cada lado - 28 minutos. Paralelamente ao projecto vinilico surgiu a ideia do video, mas devido à pureza de todos estes conceitos apenas 1 minuto e 56 segundos ficou gravado.

Neste segundo registo, saliente-se ainda a participação do muy ilustre Tibet 93, contribuindo para o exotismo desta gravação com o manuseamento dos instrumentos de sopro.

O som indefenivel de Zero Kama e o culto da " Church of 2 CR 11" será talvez apenas uma introspecção em cada um de nós sobre aquilo que por vezes desejamos.

Em Z.K. confluem todas as nossas essências malévolas e ideais macabros que tentamos afungentar da nossa superficie pálida.

É um som teimosamente afirmativo (monótono) do primitivismo (puro).

Afinal o quotidiano não é mais do que uma sucessão de ascenções e quedas de dogmas.

HILLEL SLOVAK, guitarrista dos RHCP ficou-se pela heroína.

PEPPERS CHILI HOT RED ● RED HOT CHILI PEPPERS

Mais uma vez uma overdose pôs termo a uma vida de um musico que prometia muito mais, já que contava apenas 25 anos.

Foi em Maio passado que tive a excelente oportunidade de assistir a um concerto desta banda e confirmar o tempêro super condimentado com que serviam os espectadores.

Para além de Hillel , faziam parte da formação o vocalista Antwan The Swan, o baixista Flea e o baterista Jack Irons.

Começaram nestas andanças há cerca de quatro anos,mas só em 87 é que conseguiram um estatuto mais condigno quando lançaram o LP "The Uplift Mofo". Depois foi uma capa estupendamente bem concebida: uma foto que os mostrava atravessando uma passadeira de peões - imaginem a capa de um dos clássicos dos Beatles - completamente nus com uma meia pendurada no sítio certo.

Sobre os RHCP sabia dum concerto em Amesterdão em que a banda se apresentou trajada normalmente. O público,contudo não satisfeito exigiu a sua presença em palco mas em peúgas,-no sítio certo - e teve que ser assim porque quem manda é o público!!

No curriculum dos Peppers ficaram mais dois LP's lançados pela EMI em 85, RHCP e Feaky Styley.

Em 1979 Richard Fielding e Andrew Wright exorcisavam conjuntamente os sintetizadores e as caixas de ritmos. Depois surgia Tom Ellard especialista nos efeitos especiais.Finalmente nascia o trio que iria dar origem,uns anos mais tarde,ao projecto

SEVERED HEADS

A ambição do grupo era realizar algo semelhante ao som de certos discos esquisitos que Richard possuia.Autodenominavam-se Mr & Mrs No Smoking Sign e tinham como objectivos sonoros a pesquisa dos novos ambientes industriais. Contudo, problemas internos no seio da banda levaram ao inevitável divórcio e ao abandono de Andrew,ficando o trio,em finais de 79,reduzido a duo.

Foi então que iniciaram a concretização dos seus ideais, começando por contactar os Slugfuckers na procura de musicos de estudio, minimamente identificados com as suas exóticas perversões.

Surge assim o primeiro disco (depois de algumas k7's)"Ear Bitten" assinado por SEVERED HEADS e com o carimbo da sua própria editora, a insuflável Terse Tapes Label.

Em termos de imagem,e contráriamente ao significado que o nome da banda poderá induzir, ao projecto só poderemos associar os dotes utópicos de Tom Ellard, único personagem a levar a sério esta carreira multifacetada de artista.

Para a história cai mais uma cabeça, desta vez a de Richard.

Sai o LP Clean e a etiqueta Dogfoot.Quanto ao som,esse continuou a obedecer às premissas iniciais,talvez com caracteristicas mais audíveis (ou acessíveis),devido à presença de Garry Bradbury e Stephen Jones.

Depois surge Blubberknife,terceiro LP cuja particulariedade,para além do som,estava na forma como foi comercializada a sua tape--oferta inserida no interior de um receptor video. Um golpe de mestre, infelizmente sem resultados à altura.

Em 83 é a vez de Since de Accident disco a ter edição pela europeia Ink/Red Flame ,e Dead Eyes Open um 12" que mereceu fortes aplausas pelos especialistas da matéria e que embriagou os apologistas do som-disco-boite-dancing-etc-fric-in-etc-etc-etc... A apoiar o projecto,curiosamente os S.H. tinham três editoras,uma em cada continente, que propunham para a exploraração do mercado discográfico,um eixo intercontinental traçando Australia Europa e América do Norte.Eram elas,para além da já citada, a Nettwerk Production e a Volition Records.Este apoio não foi contudo muito famoso dado que as três começaram por lançar o mesmo material em versões e formatos diferentes, criando o caos editorial e uma produção lunática.

Para finalizar, em termos discográficos, surge em 86 o LP Come Visit the Big Bigot e em 87 os registos City Slab Horror e Bad Mood Guy.

Quanto ao corrente ano,muito se espera para os Severed Heads,e, enquanto não se desespera, oiça-se a sua obra, como quem sabe o que quer , e quem sabe, o que não quer.

Ficam para terminar alguns contactos ,quem sabe...

NETTWERK PRODUCTIONS
P.O.BOX 330
1755 ROBSON STREET
VANCOUVER B.C.V.6G
109 CANADA

BAROONI
POSTBUS 12012
3501AA UTRECHT
HOLANDA

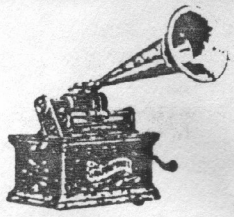
NORMAL RECORDS
BONNER TALWEG 276
5300 BONN
ALEMANHA OCIDENTAL

IKON VIDEO
120 MANCHESTER ROAD
ALTRINGHAM
CHESHIRE WA14 4PY
INGLATERRA

SEVERED HEADS
P.O.BOX 158
DARLINGHURST
2010 AUSTRALIA

BÉRICO

DISCOS



NOCTURNAL EMISSIONS
Spiritflesh LP
EARTHLY DELIGHTS-88 5*

As emissões nocturnas continuam no ar..
Os N.E. decidiram dedicar-se mais a sério à música ambiental, talvez por terem mudado de editora.
Este LP para além de Nigel Ayers, conta também com uma ajudinha de Steve Tanza na percussão, não sei se se lembram, mas este gajo era membro dos BOURBONESE QUALK até se chatear com Simon Crab.
Bom, falemos do disco e não de mexeriquices... como já disse, encontra-se no campo ambiental, muito do género de "Soliloquy for Lilith" dos NURSE WITH WOUND, e já que falamos do campo, conta também com uma ajuda muito especial de ... vacas, passarinhos e por aí além nas vocalizações, que dão um toque natural à coisa.
Mas deixemos de brincadeiras. Trata-se efectivamente de um excelente álbum, principalmente para escutar às escuras (se conseguirem não adormecer) e, tal como os próprios dizem, nos fornecer poder e energia através da transmutação.
Fora de gozo, vale a pena adquiri-lo.

DEATH IN JUNE
93 Dead Sunwheels LP
N.E.R. -88 5*

Paira no ar um ambiente de despedida. A edição deste disco (que ainda não se deu devido a problemas técnicos) será a primeira parte desse adeus, um adeus em três episódios, um adeus que começa com esta colectânea - que nos leva ao ano de 85, o início da era de ouro para os D.I.J., era essa que atingiu o auge no LP "Brown Book" - e termina em "The Wall Of Sacrifice", muito provávelmente o adeus final ("The Last Farewell"), um LP, desta feita não como colectânea, mas sim de originais, talvez para melhor saborearmos a despedida.
E a segunda parte ? essa será outra compilação, no entanto em diferente formato (CD) que nos recordará álbuns como "The World That Summer" e "Brown Book".
Mas enquanto esperamos pelo CD e por "The Wall Of Sacrificie" vamo-nos deliciando com "93 Dead Sunwheels", pois poderá ser mesmo a morte, não em Junho, mas mais cedo ainda...

NURSE WITH WOUND
Soliloquy For Lilith TriploLP
IDLE HOLE REC.-88 5*

Descobri recentemente que a filha mais nova de Steve Stapleton dá pelo nome de Lilith, talvez por isso o subtítulo deste triplo LP seja "Six Songs For Lilith".
Pergunto-me então se ele utilizará esta gravação para embalar o seu rebento. Depois de escutá-lo não fiquei com dúvida alguma pois trata-se dum disco tão belo e calmo que à primeira audição qualquer criancinha, sendo ela irrequieta ou violenta, será invadida por uma acalmia contagiante.
Tal como Steve me havia dito, não é uma gravação que soe a NWW, mas também o que é que soa a isso ?
Chegou a altura da "Contraverso" esquecer um pouco a Play It Again Sam e afins e arriscar o seu dinheiro nestes sons menos comerciais.

NOTA: Só há um senão neste triplo álbum: é o seu elevado preço de mercado; mas também, tudo vale a pena, quando a alma não é pequena...

FOETUS INTERRUPTUS
Thaw LP
SOME BIZZARE-88 11*

Deram-me o previlégio, desta vez, de vos falar do projecto de um grande senhor conhecido nos meios mais obscuros, por Clint Ruin.
Na realidade, depois de ausente durante alguns meses, em actividades extra Foetus (p.e. WISEBLOOD, ../LYDIA LUNCH, ../MARC ALMOND) eis que Mr. Ruin regressa com a mesma força de sempre e a mesma dose de criatividade já inerente a todos os seus discos.
Thaw é mais uma gravação memorável com Foetus a enverdar por campos vocais diferentes nomeadamente na interpretação do soberbo tema Chingada! ou mesmo em Don't Hide It Provide It .
Quase para o final do ano o album que merece toda a atenção possível.
A ouvir pelo menos dez vezes seguidas.

MÃO MORTA
Mão Morta LP
AMAROMANTA-88 7*

6 temas de Mão Morta gravados em 3 dias no estúdio de Paço D'Arcos.
À chegada bebia-se whisky e depois ao trabalho.
Não houve tempo para pôr tudo o que se pretendia inicialmente no disco: o Miguel queria mais percussões, o Carlos e o Zé mais guitarras, o Adolfo queria cantar e o Pinto queria calma.
A espectacularidade da maquete original de capa perdeu-se um pouco algures na gráfica.
O que ficou foi uma Mão Morta um pouco adocicada mas mesmo assim intrigante.
"Havia vagões e pilhas de carvão por todos os lados..."
O Disco, o Som, objecto de culto e cumplicidade.

TEST DEPT.
Natura Victus LP
SOME BIZZARE 88 7*

Os caminhos dos T.D. foram sempre obscuros -de passagem, piscando o olho a uns e outros, nunca até hoje realizaram um trabalho que não provocasse senimentos dé repristinação, apesar do subproduto aceitável "Faces Of Freedom" 12 inches.
Os T.D. trabalham sobre colagens mas comparemo-nos p.ex. com os NEGATIVLAND, que utilizam o mesmo método de trabalho, - da comparação os primeiros resultam fáceis, desnecessários e até significantes.
Desta vez viram-se para o público da dance-floor - o que produzem assemelha-se a mau CABARET VOLTAIRE e - um subproduto a esquecer o mais rapidamente possível - se tal for possível fazer o impossível por nem sequer conhecer...

Young Gods
L'Amourir 12"
PLAY IT AGAIN SAM-88 7*

A massificação do gosto é pior que a piroseira. Existem ambientes irrespiráveis menos rarefeitos que as noites lisboetas com esquadrões de jovens de calção, sapatos converse, polos e camisas floridas, bronze doentio, ar candido e cabelo espetado.

O perigo da massificação do gosto (moda) pelas guitarras distorcidas preocupa-me porque sou um apreciador original e cultivado.

Sem dúvida que Transvision Vamp é boa e que os Ramones continuam a ser o céu; no entanto quando um qualquer apreciador da onda cinzenta me vem dizer que o que gosta é de guitarradas, pergunto-me se algo não irá mal...

Não é que este disco seja particularmente mau - até gosto de o ouvir. Aborrece-me, simplesmente, que seja, apenas, uma cendência à moda, um exemplo de fraqueza humana, em suma, um triste subproduto !...

Fora isso o disco proporciona agradáveis sensações no baixo ventre...

Compre ! - se não gostar ofereça ao pobre de espirito mais proxímo.

KNI CRIK
1890: La Bande Du Chef Big Foot Avant Sont Massacre à Wounded Knee K7
V.I.S.A.-87 3*

Os Kni Crik são um quarteto (por vezes quinteto) parisiense possuindo uma sonoridade no mínimo exótica. O título confere-nos algumas pistas quanto ao conteúdo, por vezes tentando-se imaginar nalgumas vocalizações as torturas infrigidas aos velhos índios.

Não existe uma homogeneidade estrutural, embora ela exista duma forma conceptual (é muito diferente o modo como soam as faixas, mas delinea-se um objectivo comum).

Alain Juteau, Bezail, Juan Michel Roux, Silain Eskiva e por vezes Fabien Palisse tentam dum modo não demasiado complexo, expressar os sentimentos de inquietude e talvez de revolta que deambulam um pouco por todos nós.

Este registo tem a grande virtude de não se poder classificar musicalmente em qualquer compartimento. Por agora eles preocupam-se apenas em ser iguais a si mesmos, tal como outrora os índios o fizeram, e foram exterminados. Qual o futuro dos Kni Crik ?

NITZER EBB
Belief DEMO
MUTE RECORDS 88 9*

Ainda sem referências nas revistas da especialidade foi-me dado a conhecer aquando uma visita á editora Mute onde a nossa presença foi discreta e pouco desejada.
Encontrava-se então, em cima de uns caixotes, inocentemente desprotegida das mãos dos mais curiosos, uma Demo Tape.
Era material que nem "fresco" se podia considerar, pois ainda fazia parte do segredo dos deuses, passando portanto do segredo para o crepúsculo !

No que diz respeito ao conteúdo posso desde já advertir os amantes do neo brutalismo que podem tirar o cavalinho da chuva.

A linha demarcada no anterior LP- That Total Age não é inteiramente seguida, (com bons temas a massacrarem-nos a valer) desta vez, contudo, optam por uma linha mais macia com alguns resquícios de experimentalismo. Neste novo trabalho, não está presente o muscúlo de temas como "Murderous" ou "Let Your Body Learn" mas sim um maior cuidado e coerência, o que leva á possível audição por inteiro, mais que três vezes.

Nota ainda para a utilização bem mais salutar com que as cordas vocais marcam os temas, fazendo, por vezes lembrar o som dos helvéticos YOUNG GODS.

Entretanto nada de Piratarias, até á chegada do vínil, que se espera lá para princípios do próximo ano.

MINIMAL COMPACT
One + One By One CD
CRAMMED DISCS-88 3*

Compacto colectânea contendo o primeiro mini-álbum do projecto que então ainda não era grupo. Oportunidade que nos é dada a recordar, ou descobrir, o exotismo do Médio Oriente, constantemente presente nas suas composições.

Samir Birnbach e adjuntos construiram, meio inconscientemente, uma tristeza sóbria mas resoluta.

O passado em Israel, o presente na Europa e um futuro incerto de certa forma adiado para a banda, leva-nos a re-escutar com maior prazer ainda, a tristeza doce, as reflexões sociológicas, enfim, a existência passiva que por vezes nos controla.

Alguma distinção entre os mais melancólicos temas do mini-LP "Minimal Compact" e as, por vezes, mais atmosféricas composições do 1º LP "One By One".

FLASK KWARTETTEN
What's Your Pleasure LP
MISTLUR RECORDS-88 3*

Oriundos dos gelos Nórdicos (mais propriamente Suecos), este grupo devolve-nos um som místico extremamente enriquecido com influências do Médio Oriente. Momentaneamente podem-se fechar os olhos e escutar apenas, o paralelismo é imediato e inevitável com os Minimal Compact.

O álbum não é homogéneo, pois verifica-se de imediato uma dicotomia entre as faixas vocalizadas e aquelas apenas instrumentais. As primeiras modulam uma acalmia de espírito e constituem visões de amplos espaços, por vezes inóspitos, mas tão belos que dão forma ao oriente próximo. O segundo tipo de temas incluídos nesta gravação torna-se musicalmente mais banal , não ofertando qualquer particularidade de interesse. Felizmente apenas três faixas são vocalizadas, permanecendo o restante material muito agradável ao ouvido.

NOX
Crowd LP-33/45 RPM
PERMIS DE CONSTRUIRE-88 3*

A Permis De Construire é, sem dúvida, uma cuidada editora, em termos do material que selecciona para o seu catálogo. Tudo muito polido, muito eclético, mas por vezes é necessário conseguir fundos para caminhar mais longe e algumas concessões se estabelecem.

Os Nox apresentam-se como um bom modo de sanear orçamentos pois incluem-se naqueles grupos independentes que sabem vender o seu produto. Não se pretende afirmar que eles são um subproduto, mas é notório que estão um pouco distanciados dos restantes projectos desta deliciosa editora.

O lado 1 é um 12" a 45 RPM dum som forte com uma vocalização vulgar, podendo ficar na consciência colectiva, mas não acrescenta nada às nossas emoções.

O lado 2, tocado a 33 RPM, possui as qualidades ausentes no outro, existindo faixas muito promissoras nesta banda agora parisiense e onde milita o responsável da Odd Size, Laurent Perrier.

Quem por eles se interessar pode ainda encontrá-los num número considerável de colectâneas.

Contacto: Permis De Construire
R. St. Julien 26
54000 NANCY
FRANCE

MNEMONISTS
The Horde LP
RECOMMENDED RECORDS-84

BIOTA
Vagabones & Rackabones DUPLO LP
DYS-85

BIOTA
Tinct LP
RECOMMENDED RECORDS-88 4*

Todos estes discos têm em comum o facto de os seus autores não se preocuparem minimamente em fazer música, no sentido que vulgarmente atribuímos a este termo, mas sim (des)organizarem o som, apresentando-nos algo que, no entanto, intuímos ser ainda do domínio do musical. A audição de qualquer destas três obras obriga o ouvinte a colocar-se numa posição incómoda e numa perspectiva radicalmente nova, apelando para um tipo de sensibilidade, também ela diferente. Implica ainda uma atenção permanente e o abandono completo de toda e qualquer ideia preconcebida que pudessemos ter sobre o que é ou não a música. O não cumprimento destes requisitos implica a total rejeição e uma incomunicabilidade absoluta entre a mensagem emitida e o auditor-receptor.

Mas tentemos explicar melhor o que se pode sentir e perceber com a audição de qualquer um destes discos: a 1ª sensação que experimentamos é, sem dúvida, a de uma enorme estranheza; nada nesta'música'é minimamente familiar, tanto quanto ao conteúdo como ao aspecto formal: todos estes álbuns são inteiramente instrumentais, embora não dispensem a utilização da voz, como uma outra fonte sonora. Quanto à instrumentação utilizada- uma panóplia imensa de instrumentos acústicos, desde os convencionais aos mais exóticos. Quando escutamos a música dos Mnemonists ou dos Biota, afinal designações diferentes para o mesmo núcleo de músicos, a sensação de insegurança e a inexistência total de pontos de referência que possam orientar a audição, tornam ainda mais intensa essa outra sensação de estranheza absoluta. Não se pode, sobre esta música, emitir quaisquer juízos fáceis do tipo "Gosto!" ou "Não gosto!", tornados neste caso totalmente irrelevantes.

A 2ª impressão com que se fica, após a audição destes álbuns, é a de se ter vivido e participado numa experiência absolutamente fora de tudo o que poderíamos esperar do "simples" acto de ouvir um disco; e logo de seguida a constatação de não conseguirmos determinar que tipo de experiência foi essa! Ainda aqui os pontos de referência são nulos. Apelamos então para qualquer informação que nos possa ser fornecida pelas capas. Nada a fazer! Os títulos das faixas são tão elucidativos como "Astray", "Tottery", "The Horde", "Lapse", etc.

Os Mnemonists/Biota tiveram o cuidado de fazer acompanhar as respectivas rodelas vinílicas (único elemento reconhecível..) de profusas ilustrações, também elas da sua autoria. Se pensávamos que aqui surgiria alguma pista, de imediato este pensamento desaparece, ou seja, também no campo das formas visuais, os autores primaram em ser radicalmente diferentes de tudo o que é habitual: formas entre o abstrato e o figurativo, combinações, texturas visuais e "trompe l'oeil" totalmente absurdos, simultaneamente repulsivas e fascinantes, sem, no entanto, elucidarem sobre o que quer que seja, quanto ao seu conteúdo. Ou talvez a chave esteja precisamente no título de uma destas gravuras: "MYSTERIUM TREMENDUM ET FASCINORUM"...

Três obras primas absolutas que alargam (ou rompem) os limites daquilo que nos habituámos a designar por Música.

DIS

BAND OF SUSANS
Hope Against Hope-LP
BLAST FIRST-88 11*

Há quem pronuncie MARY CHAIN quando pretende apresentar o bando das Susanas; eu contudo não quero ser tão dogmático nem péssimista e prefiro pôr o pop distorcido de parte.

New Yorquinos de gema, BAND OF SUSANS são quatro guitarras com um som algo semelhante ao SONIC YOUTH (a ouvir ALL THE GOOD REASONS) mas que se distinguem nas vocalizações de Alva Rogens, elemento extra grupo, convidado a participar neste albúm.

Hope Against Hope é mais um elepê da Blast a surgir em 88 e para arrumar na prateleira quando chegarem os 90. É pena. Não se esqueçam, é depois de vez enquando, de lhe limparem o pó.

VOMITO NEGRO
Stay Alive EP
KK Records-88 8*

Este grupo está-se a tornar, gradualmente, num caso sério no panorama electrónico alternativo. "Stay Alive" é apenas o seu 2º registo próprio (depois de um mini-LP em 86) mas demonstra bem o nível de maturidade atingido pelos Vomito após 4 anos de existência.

Dissequemos o produto: Condicionados pela exigência da editora de reservar o lado A para música de tendências mais comerciais, ou pelo menos com mais possibilidades de sucesso nos clubes alternativos, surge o tema-título, que é facilmente o menos interessante de todo o disco. De facto, se a voz ainda é interessante, a maneira como é utilizada em conjunto com os sons, revela que o grupo está realmente a corresponder ao que a editora pede. Sem mais comentários, passemos ao 2º tema, "Burn my Heart". Construído à base de um ritmo repetitivo mas forte, este tema é susceptível de ser bem melhor sucedido que o anterior no que toca aos clubes da margem. A voz (tratada, evidentemente) confere-lhe, sem dúvida, aquele que "Stay Alive" não tem, ou seja, uma sonoridadeque se distingue sem dificuldade de outros grupos análogos.

COS

O lado B é completamente deixado à disposição do grupo e, precisamente por isso, é bastante diferente e melhor, a começar por "Where's Palmer ? (He's Dead)", que tem um som base óptimo para um filme de terror, sobre o qual se ouvem diálogos e tiroteio que fazem lembrar um encontro entre gangsters rivais. Pelo meio do tema e quase até ao seu final surge uma batida compassada que se poderá assemelhar ao som de tropas em marcha. Aqui os Vomito sabem exactamente o que fazem e, no último tema do disco, "Land of Confusion", elaboram um ambiente clássico e sinistro que exala mitologia por todos os poros. Excelente! Esperemos pela confirmação e pelo mini-LP "Dare", editado recentemente também pela KK.

Quem comprou "Stay Alive" ou o mini-LP "Vomito Negro", não deve perder esta oportunidade.

A discografia do grupo, disponível via:
Vomito Negro c/ Guy Van Mieghem
GAVERLANDSTRAAT 38
2740 MELSELE - BELGIE

DISCOS

THIS SCARLET TRAIN
Fimbria Mini LP
NIGHTSHIFT-87

FUEL
The Back Of This Beyond LP
NIGHTSHIFT-88
10$

Vamos por partes:
1º-Will Heggie deixa os COCTEAU TWINS após o LP "Garlands" e com Craig Lorentson forma os LOWLIFE.
2º-Com a formação da banda surge, inerente, a etiqueta NIGHTSHIFT exclusiva para lançamentos do grupo, sendo os LP's "Rain", "Permanent Sleep" e "Diminuendo" o mais puro exemplo disso.
3º-1987 representa um virar de página para a editora com a política a mudar e as portas a serem então abertas a novas promessas: THIS SCARLET TRAIN, FUEL e PIONEER CORPS.
4º-Dos PIONEER CORPS desconhecemos qualquer edição ou mesmo informação.
5º-Os THIS SCARLET TRAIN, oriundos de Falkirk,na Escócia, chamavam-se anteriormente SHADOWPLAY. Lançaram então uma cassette de dois temas que viriam posteriormente a ser incluidos no LP "Fimbria" com a necessária mudança de nome.
Excelente Mini LP de estreia, "Fimbria" revela-nos uma mistura da calma, suavidade e serenidade duns COCTEAU TWINS com a força, poder e beleza duns LOWLIFE. Pouco a acrescentar duma estreia que seduz e que promete possíveis ousadas veleidades para 1989.
6º-FUEL é um projecto de um só-Hamish Mackintosh- e aqui se confirma que "antes só que mal acompanhado". "The Back Of This Beyond" é sem dúvida uma das grandes surpresas do ano de 88 mas não se limita à categoria de mera revelação. Sózinho no seu projecto, Mackintosh consegue fazer um álbum simplesmente fabuloso encaixando maravilhosamente, tranquilos e doces sons, com vigorosas e bem fortalecidas melodias. É desnecessário perdermo-nos em vãs divagações a ajudar ao sono; "The Back of this Beyond" é não só o melhor LP jamais lançado pela NIGHTSHIFT, mas também o mais belo de 88.
Conselho útil: Adquiram-no sem hesitações, apaguem as luzes do quarto e rebentem simultâneamente os tímpanos e a agulha !
7º-No que concerne aos trabalhos dos LOW LIFE, THIS SCARLET TRAIN e FUEL, a acutilância da produção pertence a Keith Mitchell, estando a cargo de Steven Swinney a dura mas frutífera responsabilidade das capas.

IN THE NURSERY
Koda LP
SWEATBOX-88
11$

Tal como Stormhorse este LP não pode de modo algum ser comparado,definido ou criticado com base nos clássicos que proliferam o mercado.
Assim, recuei cerca de 15 anos atrás, (estou-me a sentir velho!) deixei crescer a gadelha e tentei compará-lo com aqueles sinfónicos cheios de perfeccionismo e pó. Em vão...
... Não dá...
Os manos Humberstone regressam na mira de continuar o projecto iniciado há um ano, reivindicando, uma vez mais, a conjugação de duas partes, que à partida poderiam ser mal associadas ao rock sinfónico dos 70, mas que acabam por revelar uma nova faceta em termos sonoros.
Mais uma vez, vale a pena sublinhar, ouvir ou mesmo adular o som dos In The Nursery
Força !

LUXURIA
The Unanswerable Lust LP
BEGGARS BANQUET-88
1$

Raras vezes, têm aparecido registos estreia com uma apresentação gráfica como este regresso do ex-Magazine, Howard Devoto.
É já longa a carreira de Devoto e muitas e extensas as referências dos seus projectos. De salientar, contudo, o LP solo de 83 " Jerky Versions of The Dream" e a colaboração com os This Mortal Coil (que segundo conceptuados críticos da especialidade são simples pseudónimos dos Cocteau Twins...!!) em "It'll End in Tears".
Lust, um trabalho que seduz da primeira à última espira, sem uma falha desde a instrumentalização até à voz, sendo condimentado com uma piscadela de olho à pop (que até fica bem), até às citações de Proust e Scott Moncrieff; Devoto e o ilustre desconhecido Noko, conseguem um disco de grande fôlego onde o 7" de apresentação "Hedneck" ou o tema pianíssimo que é "Lady 21" estão admiravelmente bem conseguidos.
Por mim Lust vai ser um álbum a idolatrar e sempre uma verdadeira lição de como fazer música, definitivamente.
Benvindo Mr. Devoto.

CRIME AND THE CITY SOLUTION
Shine LP
MUTE RECORDS-88
2$

Quando, ainda vagueiam pela memória as imagens de "Asas do Desejo", há uma certa interpretação ao vivo que fica impressa em nós com mais força do que o habitual, e ao mesmo tempo nos prepara para a aparição de Nick Cave na segunda parte. Fala-se obviamente de Crime+The City Solution.
Dois anos passaram desde o registo estreia deste projecto de Mick Harvey e Simon Bonney, "Room of Lights",onde eram ensaiados alguns passos pela área industrial.
Agora em 88 Mick é um membro de pleno direito de Nick Cave and The Bad Seeds, sendo também um remanescente dos Birthday Party, dos quais este escriba guarda muitas e boas memórias.
Tudo isto, contudo, não obrigava os Crime, a prestarem vassalagem a Cave, isto porque, nem Simon Bonney tem a voz sedutoramente cavernosa de Cave, nem eles têm necessariamente de seguir as pegadas dos outros, pois isso pode resultar em desilusão.
Se o LP fosse constituído por quatro temas (All must Be Love, On Every Train, Hunter, Home is Far from Here), resultaria num trabalho razoável,infelizmente, Shine,não são quatro faixas e por isso torna-se fastidioso em determinadas circunstâncias.
Apesar disto, existem muitos pontos a favor deste LP, como o arranjo gráfico da capa , as fotografias dos membros que constam no selo do disco, e as letras, que nos falam de amores perdidos, anjos caídos e caçadas impiedosas.
Shine é na realidade um registo de título brilhante, que no entanto se fica pela zona da fraca luminescência.

CTI w/Guests
Core-A Conspiracy International Project
PLAY IT AGAIN,SAM-88 4*

Este disco, ao contrário do que possa parecer a quem manusear distraídamente a capa, não é uma colectânea. Trata-se antes de um projecto dos CTI, duo constituído por Chris Carter e Cosey Fanni-Tutti, dois ex-THROBBING GRISTLE, para o qual foram convidados a participar, em cada faixa, músicos ou grupos seus amigos, tais como os COIL, MONTE CAZAZZA, LUSTMORD ou BOYD RICE dos NON.

Ideologicamente falando, e apoiando-nos nos textos explicativos do folheto incluso na capa, é mais um cruzamento de Nietsche e a sua teoria super-homem com o marquês de Sade, com os pózinhos de magia negra hi-tech q.b., habituais neste tipo de música.

Musicalmente falando, este é um álbum bastante diversificado, oscilando entre o muito bom (COIL, LUSTMORD), o mais vulgar neste género de música, isto é, samplers, percussões electrónicas e vozes ameaçadoras traficadas (MONTE CAZAZZA), e o sublime, como é o caso do tema "Unmasked" que surpreendentemente inclui uma discreta mas brilhante interpretação vocal de Robert Wyatt.

Trata-se, em suma, de mais uma tentativa de criação de um novo tipo de música ritual, apoiada na tecnologia electrónica de ponta que pretende simultânea e ambiguamente destruir os velhos valores, substituindo-os por outros de sinal contrário. Neste aspecto são sintomáticos os dois temas já referidos, contando com a participação dos COIL ("Feeder") e de LUSTMORD ("Over Abyss"): uma religiosidade demoníaca, ambientes sonoros ao mesmo tempo belos e terríveis de um inferno tornado atraente, para o qual se voltam muitos que habitam outros infernos, de dôr e desespero. Baseando-nos nos mesmos COIL, num seu outro disco, poderemos perguntar: "Uma porta de saída ou de entrada?".

Este não é, no entanto, um projecto dos mais radicais (como o têm sido, por exemplo, todos os álbuns de Jim Thirlwell, vulgo Clint Ruin ou Foetus). Não é o hard-core 1º escalão que se poderia esperar, mas um soft-core de qualidade; para os apreciadores do género, é claro!...

BENJAMIN LEW
Made To Measure 17:Nebka LP
CRAMMED DISCS-88 4*

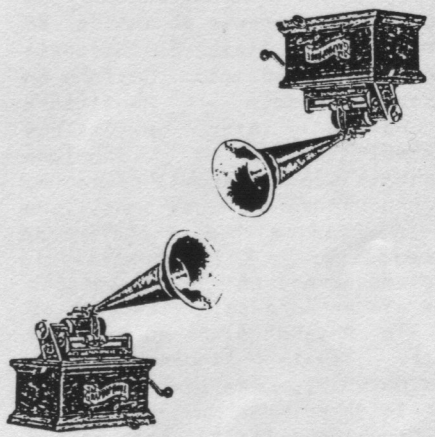
Este é o volume 17 da séria MADE TO MEASURE, da Crammed Discs Belga. Já tardava uma nova edição e este "Nebka" de Benjamin Lew, se em parte satisfaz, por outro lado ilude um pouco as expectativas e sabe a pouco. Porquê esta dupla sensação ? O coleccionador incondicional desta série (e é o meu caso), habituou-se a encontrar em cada um dos álbuns que a constitui, a par de uma qualidade musical intrínseca a cada disco, uma originalidade e diversidade de propostas que fazia de cada disco desta colecção, uma peça exemplar única. Ora, se neste volume 17, a qualidade continua a existir, já quanto à originalidade deixa algo a desejar. Fica-se com a sensação de que este é "apenas" mais um nº para acrescentar à série. Em parte esta sensação talvez resulte da própria escolha ter recaído em Ben Lew, que já participara, aliás, no volume 1 de apresentação deste selo, ou seja, a escolha parece ser demasiado óbvia e o músico demasiado "típico". Ora, precisamente uma das características dos diversos discos editados, era esta recusa de uma música da qual se pudesse dizer: "Este é o género ou som da MADE TO MEASURE!", como acontecia em relação ao som inicial da 4 AD; sob a designação aparentemente unificadora de "musique de circonstance" (a circunstância é sempre única...) revelavam-se-nos propostas musicais radicalmente distintas e em que o factor surpresa era uma constante. Nunca se sabia que disco, que músico(s) ou que música constituiriam o próximo volume da colecção! Era (ou é) também nesta diferença que reside toda a coerência de todo este projecto editorial, no qual aliás o título MADE TO MEASURE é afinal bastante esclarecedor: um disco- uma peça musical única- uma música irrepetível.

Chegados a este ponto cabe esclarecer que os volumes imediatamente anteriores (nº15 e 16) são as reedições de dois discos de 1983 e 1985 do mesmo Benjamin Lew com Steven Brown, os álbuns "Douzième Journée:le verbe, la parure, l'amour" e "A propos D'un Paysage", são sem dúvida supriores ao seu sucessor nesta série, "Nebka", e com a vantagem de serem realmente peças musicais exemplares. Fica-se pois, após a audição de "Nebka", com a dúvida de se teria sido necessária a edição deste disco, NESTA série, que nada acrescenta aos já citados LP's. Talvez apenas a necessidade do lançamento de um disco mais recente por parte da editora.

Mas é então este,um mau disco? -perguntarão os leitores- que não justifica uma audição ou mesmo a sua aquisição? É óbvio que não; considerado individualmente, este é um disco de qualidade muito acima da média: uma música que consegue ser ao mesmo tempo experimental e acessível, de uma beleza serena, às vezes possuidora de um lirismo próximo de um Wim Mertens. Melodias extremamente cativantes, alternando com sequências aparentemente mais dissonantes.

Acompanham Benjamin Lew,neste disco, nomes também eles familiares: Steven Brown, Marc Hollander e Blaine Reininger, seus companheiros de sempre.

Em suma, um disco extremamente belo, a merecer cuidada audição, tentando esquecer o facto de que é o mais recente volume da MADE TO MEASURE e sobretudo procurando fazer qualquer comparação com os restantes volumes desta série. O que eu fiz, afinal, nesta crítica...



DISCOS

DISCOS

VÁRIOS
Made To Measure Resumé LP,K7,CD
CRAMMED DISCS-88 3*

Deste modo toda a série da Made To Measure é, de alguma forma, exposta ao público. Tal como a própria editora assim o anuncia. Trata-se da construção dum projecto de música ambiental ou abstracta, elaborado por componentes distintos, diferentes paisagens e atmosferas que edificam esse projecto pelo disco que concebem. A cassette é extremamente útil (como colectânea) em apresentar um pouco de cada um dos 16 trabalhos já realizados; por aqui fica a lista:

-MTM Vol.1
MIN.COM./ AKSAK MABOUL (MTM01)
-Reivax Au Bongo
HECTOR ZAZOU (MTM02)
-Colorado Suite
B.L.REININGER/M.ROUSE (MTM03)
-Sedimental Journey
PETER PRINCIPLE (MTM04)
-Geographies
HECTOR ZAZOU (MTM05)
-A Walk In The Woods
M.ROUSE BROKEN CONSORT (MTM06)
-Stranger Than Paradise
JOHN LURIE (MTM07)
-Desert Equations
S.DEIHIM/R.HOROWITZ (MTM08)
-Echoes From The Cross
J.BONNAR/COLIN NEWMAN (MTM09)
-Lowlands Flight
MINIMAL COMPACT (MTM10)
-MTM Runways
AKSAK MABOUL (MTM11)
-Music For Commercials
YASUAKI SHIMIZU (MTM12)
-If Windows They Have
DANIEL SCHELL/KARO (MTM13)
-Down By Law
JOHN LURIE (MTM14)
-Douzième Journeé...
BEN LEW/STEVEN BROWN (MTM15)
-A Propos D'un Paysage
BEN LEW/STEVEN BROWN (MTM16)

THE GRIEF
Kyn 12"
DANCETERIA-87

VON MAGNET
I 12"
SCULPTURED REC-87 1*

No vasto campo da música electrónica da actualidade muitos dos produtos daí resultantes reclamam-se como música de dança, embora poucos o consigam verdadeiramente fazer com o mínimo de originalidade e honestidade. Por isso os casos dos THE GRIEF (franceses) e dos VON MAGNET (franco-catalães) são cada vez mais raros, já que introduzem novos elementos na área.

Os primeiros (já com vários registos editados), com a ajuda de um soprano sobre uma cadeia rítmica empolgante, produzem um lado A vocacionado para as pistas de danças alternativas, enquanto no lado B se descobre a outra face da sua produção mais experimentalista mas não menos envolvente e emocional.

Do mesmo modo, os segundos, um colectivo multi-media sediado em Londres, procuram traduzir uma fusão das influências flamengas (com uma base rítmica estrondosa) nas sonoridades orientais.

Dois grupos a descobrir urgentemente.

FRONT 242
Front by Front LP
RED RHINO EUROPE-88 1*

Depois de quase um (longo) ano à espera de novo material eis que surge o novo registo daquele que será o mais célebre dos grupos belgas da nova geração.

Seguindo a linha do LP anterior, este acentua radicalmente a faceta mais dançável da sua música em detrimento de uma fase mais experimental, característica dos primeiros trabalhos, desfazendo assim equívocos quanto às suas pretenções em termos de mercado. Trata-se, no entanto, de excelente material para clubes alternativos ("Headhunter"/"Im Rhythmus Bleiben"/"Undeath") mas onde a originalidade começa a escassear.

Para incondicionais apenas.

JOY OF LIFE
Hear The Children LP
CADRE RECORDS-88 5*

Como até agora só tenho criticado álbuns muito bons, vou continuar na mesma "onda".

Trata-se do 2º longa duração deste agrupamento que tem muito a ver com Douglas P., e os DEATH IN JUNE.

Tudo começou por volta de 1984. Cerca de dois anos depois surgiu o primeiro vinil, um mini-LP de nome "Enjoy" editado na N.E.R., etiqueta dos acima já citados (D.I.J.).Sucederam-se então alguns problemas no seio da banda conduzindo à separação, mas com muito material já estáva gravado, o vocalista - Gary Carey- resolveu investir o seu dinheiro neste LP.

As influências do grupo remotam aos SECTION 25 e talvez também um pouco a JOY DIVISION, no entanto, têm sonoridades muito próprias.

Para aqueles mais interessados e admiradores deste projecto fica a minha mensagem: não se preocupem pois os J.O.L. vão continuar via o guitarrarista e o vocalista !

Mais um LP a adicionar à vossa extensa lista de discos do ano...

CONTROLLED BLEEDING
Between Tides LP
MULTIMOOD RECORDS-88 3*

Projecto norte-americano presentemente ligado à editora Sueca que também possui edições de Asmus Tietchens, Peter Forkhade...

O conteúdo proveniente do outro continente está bem inserido no contexto defendido pela editora. Não há pontos dúbios nesta gravação quanto aos fins a alcançar: não a perfeição mas sim o prazer. O prazer de escutar um disco ou uma faixa isolada, advém de diversos factores, não sendo lícito afirmar que uns sejam mais importantes que outros. Por vezes deseja-se que toda a gravação seja homogénea, este disco não o é mas nem por isso deixa de nos conferir prazer. As variações da sequência são, já por si só, agradáveis, fazendo-nos percorrer ideiais mais industriais, mas não descuidando outros que, embora abstractos, possuem uma fluidez que o ouvinte interpreta sempre como suave. As marés idealizadas são afinal os dois pólos musicais pelos quais os Controlled Bleeding se dividem e partilham os seus talentos e intentos.

Não há perigo de desfalecimento, a mensagem é-nos parcialmente transmitida, tudo está sob controle.

BERURIER NOIR
Meilleurs Extraits Des Deux Concerts à Paris K7
V.I.S.A.-87 3*

Trata-se nem mais nem menos da re-edição da época de luxo do Punk Francês. A banda sempre foi associada ao movimento nascido em 76 na Grã-Bretanha, o que lhe tem valido algumas boas vendas a nível editorial.

Nesta cassette recuperam-se os longínquos e perdidos tempos do 'squatting' parisiense, e que serviu de base à formação de algumas editoras independentes francesas, nomeadamente a V.I.S.A..

Nesta compilação, com os melhores temas dos B.N., criou-se uma antologia não só para a formação gaulesa como também para o movimento Punk numa altura em que a sua decadência era mais que visível. Não se trata, no entanto, duma linha descaradamente agressiva, mas apelando sempre que possível à revolta o projecto bífido de François e Loran é retratado aqui através de dois concertos ao vivo numa fábrica ocupada em 83 (Premier Acte+Propaganda Beruriére). Em termos de conclusão não diferem muito(?) das outras bandas Punks que lhes são contemporâneas, mas eles vendem que se fartam em França, e a V.I.S.A. sabe disso.

ZONE
Sword Of The Sun LP
POTENTIA RECORDS (REC REC)-88 3*

A espectacularidade da sobriedade é persistentemente mais valiosa e eficaz que uma mão cheia de uns tantos efeitos especiais de, quase sempre, mau gosto.

A construção simples da magia do Sol, neste círculo de vinil, prima pela indefinição duma linha musical mas, soberbamente transporta-nos a locais múltiplos pelas diversas entoações que a música assume.

As faixas do lado 1 (o preto) possuem mais reminiscências ambientais ou ligeiramente industriais do que o lado 2 (o vermelho) onde permeia uma sonoridade mais rítmica mas nem por isso menos exotérica. O grafismo envolvente coaduna-se inteiramente com o conteúdo.

O único senão vai para a tiragem limitada a cem cópias.

La Muerte
Scorpio Rising LP
RED RHINO-88 7*

Na tentativa vã mas saborosa de estar sempre fora de moda fazemos por vezes coisas significativas.

Actualmente estou fascinado pela condição feérica de Hell'Angel, pela mitologia dos bikers e pela sedução do Iron horse.

La Muerte, de entre quantidades inssupismáveis de mediocrídade tiveram um disco espectacular que faz referência ao filme de Kenneth Anger "Scorpiorising" (história de motociclistas) - o seu tributo aos cavaleiros do asfalto e à junk cultura.

Agradável de combinar com "Angel Dust", este disco atinge o seu expoente em "Hellfive", o final, que filmicamente nos leva à atmosfera especialissíma da estrada e das motos.

Para cultos caseiros e domésticos - ouvir alto...

ESPLENDOR GEOMETRICO
Kosmos LP
ESPLENDOR GEOMETRICO-88 3*

A base da editora está no grupo, que desde 1980 vem construindo uma fortaleza industrial aqui, no resto Ibérico que não nos pertence.

Poder-se-á concluir que este aspecto particular fabril, se asserta numa qualquer obsoleta e barulhenta, linha de montagem. Não nos são oferecidos muitos trilhos distintos, trabalha-se, ao invés, com a monotonia dos sons, sendo estes profundamente rudes e abstractos.

Este projecto, editado pela etiqueta homónima, demonstra em parte, a vitalidade da música moderna alternativa em Espanha e alerta sobretudo o lado de cá da demarcação fronteiriça que se pode sobreviver muito bem e durante longo tempo, sem se sonhar com os Tops (e o Vivámúsica).

Trata-se da aquisição de sensações rudes dum modo explicitamente pacífico.

Contacto: ESPLENDOR GEOMETRICO
Andres Noarbe
Apartado 14.325
28080 MADRID
ESPANHA

SKIN
Shame Humility Revenge LP
PROD INC-88 11*

Nunca gostei de descascar batatas, e acreditem, adoro comê-las fritas acompanhadas com maioneze.

Igual simbioze associo ao projecto SKIN (da dupla Gira/Jarboe) face aos incotestáveis SWANS.

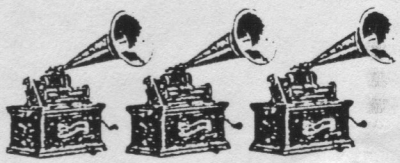
Shame é o segundo LP da banda. e mais uma vez não se percebe qual o motivo da sua aparição.

Para piratear a originalidade já desgastada dos discos da 4AD,ou para aplicar os conhecimentos de estudio adquiridos na sua rodagem anterior são dois dos motivos tristes que encontro para entender o disco.

De resto,

não vale a pena tirar a pele aos SWANS,para descobrir os SKIN,

com casca é que eles são bons !!



COCTEAU TWINS
Blue Bell Knoll LP
4 AD-88 3*

Longa e agonizante espera. Habituados a uma cedência, muito fluente, das suas obras, vimo-nos confrontados com a sua escassez, racionamento. Os ambientes esgotaram, o vinil riscou-se e, vazio. Pacientemente, todos os insaciados ouvintes dos gémeos Cocteau pensavam estar próxima a edição de mais uma preciosidade, de mais um extâse.

Setembro de 88, eis que mais um 33 rotações é oferecido à multidão expectante. As dúvidas, ilusões, anseios, não foram defraudados, mantendo-se iguais a eles próprios, os C.T. não surgiram neste trabalho explorando novos campos, quer para os instrumentos, quer para a voz de Liz Frazer. A descoberta de novas vias por trilhar necessita de uma vontade, de alcançar uma sintonia. Esta já há muito milita nas hostes Twineas.

A acrescentar, somente que a obra prima não foi ainda elaborada. Será que isso para eles existe ?

DISCOS

ROBERTO MUSCI/GIOVANI VENNOSTA
Water Messages On Desert Sand LP
RECOMMENDED RECORDS-87

LIGHTS IN A FAT CITY
Somewhere LP
THESE-88 4*

Primeira constatação: a audição destes dois discos proporciona ao auditor um prazer intenso, não o prazer meramente intelectual que experimentamos ao escutar certas obras geralmente traduzido por reconhecimentos do tipo: "Está extremamente bem feito", "a ideia é bastante interessante", etc. Não, este é um prazer feito de emoções, a música que nos é dada a escutar toca-nos por dentro de uma forma imediata e intuitiva.

O ponto de partida de ambos é semelhante, os processos e objectivos, distintos. No caso dos Italianos o ponto de partida é a música ou músicas étnicas, recolhidas em cassette, do folclore das mais diversas regiões do globo (Irão, Argélia, Afeganistão, Etiópia, etc). A partir destes sons iniciais (na sua forma primitiva ou passados para samplers) é efectuada toda uma série de tratamentos e manipulações sonoras cujo resultado é algo que poderemos definir, utilizando um termo já algo vulgarizado, mas aqui perfeitamente justificado, como uma música universal, aliando as sonoridades tradicionais à electrónica mais sofisticada.

A sensação é a de que todas estas músicas nasceram para se juntarem numa única, abarcando em si todos os sons, todas as culturas, todas as tradições. Não se trata de uma colagem, antes uma síntese perfeita de todos estes elementos. O exemplo paradigmático é o tema "Empty Boulevard" no caso efectuado com uma extraordinária economia de meios: uma harmonização de Roberto Musci, em guitarra acústica sobre a gravação de um canto de uma raperiga pigmeu-encontro perfeito de duas músicas, para além do espaço e do tempo.

Com este disco estamos já muito à frente das obras pioneiras de Holger Czukay ("Cannaxis 5", "Movies"); não podemos já falar da justaposição de várias músicas mas de uma só MÚSICA, feita de muitas.

Quanto aos Lights In A Fat City, a proposta é outra: a recuperação das sonoridades étnicas Australianas e nomeadamente de um instrumento musical característico da cultura Aborígena desta região, o Didjeridoo. Também aqui as sonoridades electrónicas são determinantes, embora os sons base sejam os do já referido instrumento e de percussões variadas, tocados realmente pelos músicos do grupo. É este som "real", se assim o quisermos chamar, que é finalmente tratado por meios electrónicos. A sonoridade final situa-se num campo muito próximo ao de John Hassell e à sua Fourth World Music.

A diferença entre estes dois discos está em que um, o dos Lights In A Fat City, pretende essencialmente devolver-nos a tradição sob novas formas, o de Roberto Musci e Giovani Vennosta, parte dessa mesma tradição para uma música inteiramente nova. Tradição, afinal, o grande elo entre Passado e Futuro.

Ambas as propostas são irrecusáveis e fascinantes.

VÁRIOS
All-Ears Review Vol 1 CD
ROM Records-88 11*

"The Hottest New Sounds From African to Jazz to Rock to Zydeco"

É assim que esta editora de Los Angeles apresenta o primeiro número de uma série de compactos prestes a lançar no mercado; compilações de música não-vulgar cuidadosamente seleccionada de etiquetas independentes americanas.

Read Only Memory seria o mais lógico significado a atribuir a esta empresa, contudo até aqui surge a diferença nas edições da Really Outstanding Music.

Participam : The Mekons/Hugo Largo/Pianosaurus/Rotondi/The Mando Boys/Maria Marquez & Frank Harris/Ben Vaughn Combo e muitos mais de modo a assinar 16 faixas.

Adquirem-se mais lógicamente no próprio sítio, isto é
P.O.Box 491212,
L.A., CA 90049
Vale a pena!

HENRY KAISER
Devil in the Rain LP
SST Records-87 6*

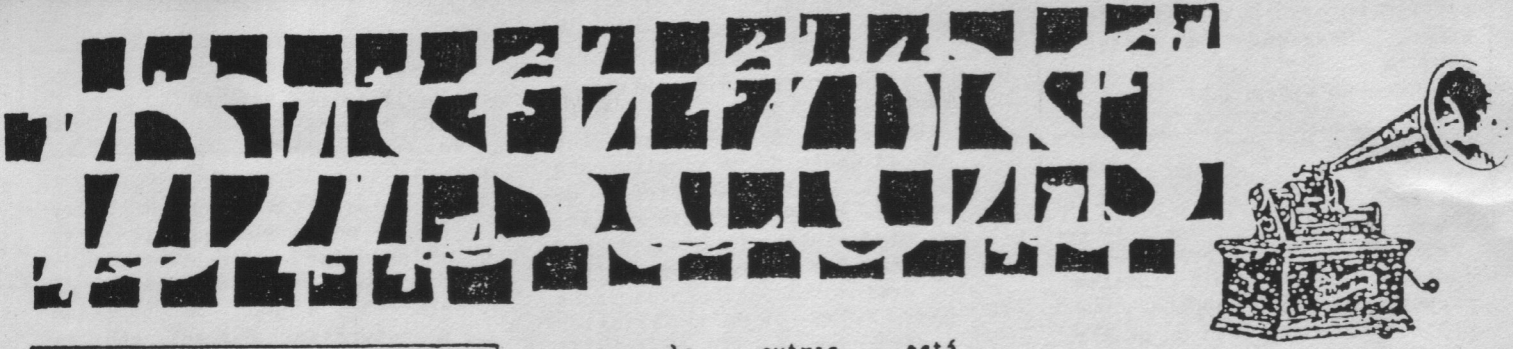
Do passado musical de Henry Kaiser pouco conheço, apenas as referências na contracapa do disco, bem como o selo da editora, a SST, me despertam o interesse. Bem sei que as surpresas não abundam nos dias que correm, o que também não é razão para se ser céptico. Realmente, tenho que admitir a qualidade quando ela se me mostra tão descaradamente.

Sem preocupações de exaustão, "Devil in tne Drain" é algo que admira por dois motivos. O primeiro é sem dúvida o espírito aventureiro do autor, ao embrenhar por caminhos, quantas vezes tortuosos, como o são aqueles que cruzam o universo das escalas pentatónicas, ou mais explicitamente, da música oriental, neste caso, japonesa. A sua aproximação, além de não ser feita de modo a " ocidentalizar" o estilo, revela um despretenciosismo pouco comum em músicos mais arrojados, como é o caso. Mr Kaiser não se fica por aqui, isto é varia constantemente sobre promenores sonoros de estrutura de modo a realçar o valor do conjunto.

O segundo motivo, e quanto a mim, de não menos importância reside na simplicidade técnica de que H.K. se rodeou ao gravar este disco. À primeira audição dir-se-ia existirem múltiplas pistas de gravação, tantas quanto os sons ouvidos. Mas não é assim, qual não foi o espanto quando li que o albúm inteiro tinha sido gravado directamente em duas pistas sem as costumeiras operações de tape overdubs.

Por tudo isto arriscaria uma recomendação...

DISCOS



RECOIL
Hydrology LP
MUTE RECORDS-88 8*

Quando se ouve falar de DEPECHE MODE geralmente sente-se uma certa repulsa.
Mas nem tudo o que eles fazem é mau nem todos os seus elementos processam o comercialismo.
É o caso de Alan Wilder, 4º membro de grupo, que ao que se sabe teve o seu primeiro registo vinílico editado em 86, mini-LP "1+2" já sob a designação RECOIL e também para a MUTE.
"Hydrology", sendo a sequência do anterior trabalho, devota uma evolução melódica e ritmica, atenuando o talvez excessivo minimalismo do mini-LP, composto apenas de 2 temas. Contudo, se em "1+2" se notam reminiscências de anteriores edições dos Depeche Mode, neste novo albúm o que se pode encontrar é um som muito mais personalizado. Embora tendo apenas 3 longas peças, todas elas são diversas e possuem ambições bastante variadas.
A primeira, "Grain", é uma melodia composta quase inteiramente à base de piano (ou algo que soa como um piano), desenrolando-se em volta de um esquema repetitivo, mas muito emotivo.
A segunda, "Stone" é mais versátil. A introdução faz lembrar um côro de vozes, subindo de tom gradualmente até chegar a um ponto em que tudo descalabra repentinamente, dando lugar a uma forte batida electrónica. Esta, por sua vez, vai-se consumindo aos poucos desaparecendo por baixo de um som ambiental que ostenta uns ruídos aqui e ali. No fim do tema, todas estas fases se conjugam numa só.
Finalmente a terceira, "The Sermon", ocupa um lado inteiro e a sua construção é simples: um som fraco inicia-a, prolonga-se alguns minutos e a ele sucede-se um ritmo electrónico seguro, ao qual depois é acrescentado uma "drum-machine", fortalecendo o mesmo ritmo. O caminho inverso é depois percorrido, terminando tudo com sons produzidos por uma tribo africana, em pleno júbilo.
O modo como as sequências sonoras deste LP se sucedem umas às outras está extremamente bem conseguido e isto, aliado à excelência da execução, deveria ser razão mais do que suficiente para suscitar a curiosidade dos que leram este apontamento.

NUMB
Numb LP
LIVELY ART-87
8*

A produção electrónica canadiana é, sem dúvida, a grande rival da sua congénere belga. Depois dos relativamente interessantes MOEV e PSYCHE e dos extremamente interessantes SKINNY PUPPY e FRONT LINE ASSEMBLY, surgem os NUMB dos quais nada se sabe (ainda). As únicas referências são as participações neste LP de David Ogilvie (produtor habitual dos PUPPY), Cal Stephenson e Tom Ferris (membros dos MOEV).
É notória, também, a preocupação de preencher bem os temas com sons variados que acompanham o ritmo principal. Aliás, este ritmo principal pode-se considerar a espinha dorsal de cada tema, já que dos 8 que compõem o álbum apenas 2 não têm um ritmo ou melodia que se prolonga do princípio ao fim, servindo de base para o leque de sons que se vai construindo como acompanhamento. Uma das 2 excepções é o tema "The morality of altitude" que começa por ter o tal ritmo-base mas depois ele é quebrado, passando a ouvir-se apenas ruídos metálicos de vez em quando, que culminam numa maratona percussiva industrial. Outro aspecto importante nos NUMB, embora não tanto como, por exemplo, nos FRONTLINE ASSEMBLY, é o uso de colagens com vozes aproveitadas de rádio, televisão ou discurso ao vivo, fontes sempr inesgotáveis de inspiração.
É de certo modo frustrante chegar quase ao fim de 1988 e descobrir um disco de 87 que merecia a máxima atenção, ainda por cima com a agravante de não estar disponível em Portugal nem sendo provável que venha a estar.

LAURENT PERNICE
Details LP
Permis de Construire-88 3*

Algumas editoras independentes, possuem a particularidade de descobrir pérolas, preciosidades, que pela sua raridade de existência, são sublimes.
Richard Franoux, o responsável pelas edições da Permis de Construire, sabe escolher entre a produção circundante, o que realmente é merecedor da nossa atenção. Quando se equipara a P. de C. à inglesa 4AD, não se pretendem estabelecer paralelismos entre as suas políticas editoriais, apenas se pretende afirmar, que ambas são meticulosamente cuidadas no que oferecem.
Details é a 1ª obra de Laurent Pernice, classificá-la como excelente não é excessivo, pois na realidade ele conseguiu construir um mundo de exultante beleza. O som varia de ambos os lados do disco, sempre em torno do mesmo ideal - o manuseamento do som atmosférico. Não há uma uniformidade conceptual, a estruturação das faixas segue vários caminhos desde o mais atmosférico até ao mais tribal. Memorável!

Nesta secção de críticas de discos adorámos ser iguais aos outros na utilização dos asteriscos. Contudo aqui o significado pode ser diferente.

1* António Carvalho
2* Carlos Didelet
3* Eugénio Teófilo
4* Fernando Magalhães
5* Fred Somsen
6* João Duarte
7* José Faisca
8* José Moura
9* Miguel Baptista
10* Miguel Somsen
11* Paulo Somsen

FIRE RECORDS

LONDRES continua a arder

POP should be played the way FIRE burns

Com a edição da 1ª grande colectânea da Fire Rec. no início do ano de 88, parece ter esta editora virado uma das mais prestigiosas páginas da sua carreira."Great Fire Of London" mostra-nos um estado dum incêndio que esperemos nunca pare, pondo em evidência o ecletismo musical duma editora única.

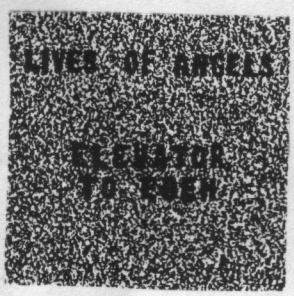
NOMES MAIS: PULP, ROSE OF AVALANCHE, CLOSE LOBSTERS, PARACHUTE MEN, ROYAL ASSASSINS, COLENSO PARADE, 1000 MEXICANS, LIVES OF ANGELS, PERFECT DISASTER, BLUE AEROPLANES.

OUTROS: G.LANGLEY/IAN KEAREY, SIGN LANGUAGE, SCALA TIMPANI, FARM, THE TIMES/TV PERSONALITIES, THE COMMITEE.

Apesar de radicadíssima em Londres, a Fire Rec. não se coíbe de pescar os grandes sucessos da Pop independente actual, noutras paragens do Reino Unido e Irlanda, já que vários são os nomes provenientes de outras grandes metrópoles Britânicas: Leeds, Bristol, Sheffield, Belfast, Glasgow e Liverpool.

Concebida e iniciada em 1985 a Fire Rec. começaria por lançar os primeiros trabalhos dos 1000 MEXICANS ("Diving For Pearls"-12" FIRE 1) e BLUE AEROPLANES ("Action Painting"-12" FIRE 2), bandas que posteriormente seguiriam um rumo diferente apesar de inicialmente só a editora os ligar um ao outro.

O ano de 85 foi ainda próspero em singles, com o surgimento de bandas de passado, presente e, posteriormente, futuro deveras incerto. Efectivamente, bandas como SCALA TIMPANI, THE COMMITEE, SIGN LANGUAGE e THE TIMES que se limitaram a uma única edição no catálogo incendiável desapareceram tão repentinamente como haviam aparecido, não creditando a usual característica do fogo: repentino e preferivelmente durável. A Fire Rec. parecia querer incidir os seus alicerces em bandas de alta qualidade que não estabeleceram um "estilo Fire Rec." mas que por outro lado fizeram levar a bela labareda musical aos mais vastos confins independentes. Nesta prateleira estão os originais PULP, os estranhos BLUE AEROPLANES, os únicos COLENSO PARADE, os controversos ROSE OF AVALANCHE e os cómicos CLOSE LOBSTERS.



Realmente das bandas pioneiras da Fire Rec. se pode considerar a sua qualidade como indubitável, mas sem dúvida que a coesão não foi a sua arma principal. Nada a indicar sobre os SCALA TIMPANI já que depois do seu single "Winds Of Change" se perdeu o rumo. Com os THE COMMITEE sucedeu o mesmo com o seu 12" "Open Your Eyes" de 1985, ficando apenas na memória o discreto caso de Jimmy Sommerville que saído dos BRONSKI BEAT se lembrou de chamar THE COMMITEE ao seu projecto, posteriormente COMMUNARDS. Os SIGN LANGUAGE rumando de Blackpool- terra dos MEMBRANES e VEE VV- editaram em 86 "Belief & Other Propaganda" como 12" e desapareceram para nunca mais se ouvirem falar. O caso dos THE TIMES foi bem diferente já que além

→→→

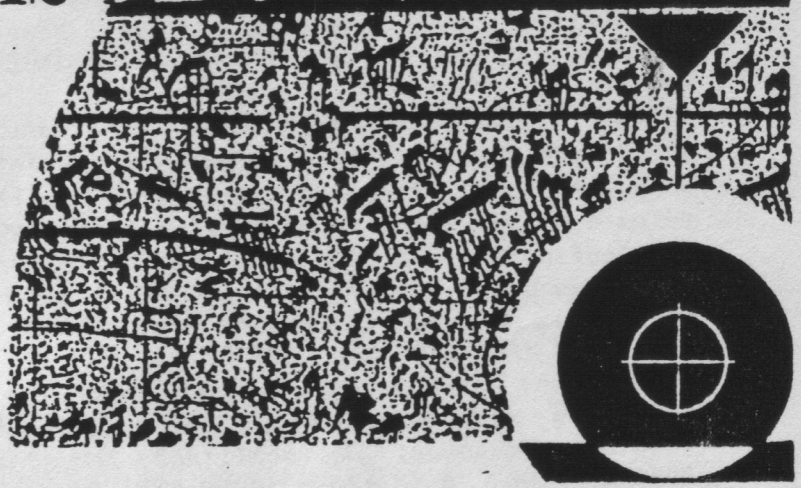
do single de 86 "Times TV", THE TIMES- ou se preferirem Ed Ball, colega do ex-TV Personality Dan Treacey- lançou pelo menos dois LP's na Dreamworld, etiqueta de Treacey. Àparte poder-se-á assinalar que a Fire também editou um LP- "Painted Word"- duns TV PERSONALITIES que, tal como Ed Ball, nunca pertenceram realmente à Fire.

Da secção dos irremediavelmente desaparecidos, passamos para outra composta por bandas sobre as quais as informacões que dispomos são mínimas mas esclarecedoras do percurso do grupo. Os THE FARM, banda de Liverpool, editaram um 12"- "Some People"- e um LP- "Pastures Old & New"- antes do seu baterista, Andy McVann, desaparecer tragicamente num acidente de viação. Também esta banda que havia lançado dois singles anteriores- "Hearts & Minds" (Skysaw Rec.) e "Steps Of Emotion" (Probe Plus)- acabou por ter um futuro menos promissor e consequentemente um fim prematuro. O trio londrino 1000 MEXICANS atingiu o ponto alto do seu estilo musical de Pop de sintetizadores- a fazer lembrar os I START COUNTING actuais- com o excelente LP "Dance Like Ammunition", datado de 85, posterior ao já mencionado single nº 1 da editora, mas também a outros trabalhos em 'casas' diferentes: "The Last Pop Songs" (12") e "Under Construction" (também 12") na Abstract, e até um single- "Criminal"- na Belga Play It Again,Sam. Um sintetizador vulgar, duas vozes medianas e umas condições de gravação medíocres são os 'atributos' pouco convincentes duns LIVES OF ANGELS que, apesar de tudo, conseguiram concretizar o sonho do LP "Elevator To Eden" editado em 86 pela Fire Rec.. Foi até ao momento o único trabalho deste casal- Gerald e Catherine O'Connell- de Walthamstow (Norte de Londres) que contudo promete mais feitos para 88, iniciados com um tema inédito- "After Dark"- gravado exclusivamente para a compilação.

Cinco bandas compõem a fortíssima frente de ataque da actual Fire Rec.: ROSE OF AVALANCHE, COLENSO PARADE, PULP, e superiormente os CLOSE LOBSTERS e os efémeros BLUE AEROPLANES. A qualidade paira no ar como cinzas de um incêndio extinto mas,paradoxalmente os ROSE OF AVALANCHE são acusados de plagiarismo barato originado maioritariamente por terem surgido no meio musical(já avançado) da cidade de Leeds, meio esse que contudo parece também não se extingir. Os SISTERS OF MERCY iniciaram-no, ponto final. Serão os RED LORRY YELLOW LORRY, os GHOST DANCE, os SALVATION, os BATFISH BOYS e os ROSE OF AVALANCHE meros imitadores ? Singles como "Velveteen", "Goddess", "L.A. Rain", "Too Many Castles In The Sky" e LP's como "First Avalanche" (86), "Always There" (87) e agora "In Rock" dizem-nos que não. E a Fire Rec. não desiste. Os COLENSO PARADE de Belfast são exímios na discrição, baseando a sua história mais na música que nas palavras. O primeiro single, "Standing Up", foi editado na pequena Goliath Rec., mas logo foram contaminados pelo fogo , lançando "Hallelujah Chorus", "Fontana Eyes" e "Down By The Border", singles compilados no único LP "Glentoran" de 1987. O segredo é a alma do negócio, dizem.

iBéRiCo
r. rUi bArBoSa
38 r/C
1100 LiSbOa

PERMIS DE CONSTRUIRE



RICHARD FRANOUX

é o jovem Nº1 desta pequena editora independente francesa sediada em Nancy.

É ele quem comanda as tropas, quer em termos de edições vinílicas, quer mesmo, no que respeita á promoção dos seus discípulos.

Na realidade para a PERMIS DE CONSTRUIRE, uma das mais conceptuadas indies francófonas, o que realmente interessa é dar hipótese á divulgação de projectos sonoros que possam, de algum modo, criar uma estrutura cultural, não do tipo lança-disco-básico-para-os-pobres-de-espírito, (o tal movimento 'triológico'-imagem-som-dinheiro) mas sim, alternativa, onde predominam essencialmente os dotes dos músicos intervenientes e o bom senso conceptual dos trabalhos apresentados.

Na PERMIS (Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada com um capital social de 75 mil francos), militam discos assinados pelos GEINS'T NAIT, ZERO KAMA (ver artigo exclusivo), LAURENT PERNICE (1º registo de músico francês), NOX, PGR (Poison Gaz Research), MUSLIMGAUZE, e.t.c. ... todos eles com uma particularidade em comum - as sonoridades suburbanas pró-depressivas.

Em termos muito gerais está feita esta chamada de atenção ao catálogo da PERMIS, mais pormenores na morada abaixo indicada.

PERMIS DE CONSTRUIRE 26 RUE ST. JULIEN
54000 NANCY 1 83 35 25 89

O Pódio: de Sheffield os PULP, centrados no duo Jarvis Cocker/Russell Senior, que se deverão orgulhar de ter editado até ao momento o melhor LP da editora: "Freaks-Ten Stories About Power, Claustrophobia, Suffocation & Holding Hands". Formados em 1980 o zénite foi alcançado depois dum mini-LP na Red Rhino ("It"), e vários singles na Fire Rec.: "Little Girl", "Dogs Are Everywhere", "Masters Of The Universe" e "They Suffocate At Night". De Glasgow os excelentes profissionais CLOSE LOBSTERS que fizeram da versão "Lets Make Some Plans" (12" de 1987) o verdadeiro hino da banda e da editora. Começaram com "Going To Heaven To See If It Rains", prosseguiram com "Never Seen Before" culminando em ouro sobre azul com o LP "Foxheads Stalk This Land" e o 12" "Lets Make Some Plans". Imparáveis! Finalmente de Bristol os "históricos" BLUE AEROPLANES com três LP's em caixa ("Bop Art",editado na Party Rec. e reeditado pela Fire, "Tolerance" e "Spitting Out Miracles", qual deles o melhor ?!) e inumeros singles dos quais se salientam "Lover And Confident", "Action Painting" e "Tolerance", o melhor tema de sempre do grupo composto total e originalmente por oito elementos, incluindo um dançarino Polaco que gostaria que a banda se tivesse chamado W NIEBIESKE SAMOLOTY !

Em certos casos o fogo não pode parar, e a Fire já recrutou para tal mais três bandas de ambientes diferentes. Os PARACHUTE MEN, quarteto de Leeds, de vocalização feminina tocavam na Timebox de Kentish Town, e já têm o 1º LP "The Innocents" a ser louvado pela crítica. Também de Bristol o duo ROYAL ASSASSINS já com um LP homónimo e um estilo muito particular. E finalmente os PERFECT DISASTER repescados da triste e quebradiça Glass Rec.. Depois dum LP também homónimo para esta editora, a Fire Rec. já editou o 2º longa duração deste quarteto de Arseley- "Asylum Road". São as três grandes apostas da Fire para 88.

Londres já está a arder. Nós também. Vou ser queimado.

Que Bom !!!

NIHIL AVT MORS

A ANIQUILAÇÃO DO ÓCIO ESPIRITUAL

Rejuvenescer a chama apagada do espírito latino. Eis o fulcro do projecto NIHIL AUT MORS: valorizar de novo todo o potencial energético e possante da cultura latina. O seu prestígio. A sua essência enquanto fonte de novas formas e directrizes existenciais.

Uns elevaram essa cultura através do teatro, da literatura, da poesia. Nós fazêmo-lo por via da música.

Negar o manancial exuberante da língua latina, seria delapidar e suprimir a nossa própria cultura. Por isso, tentamos edificar um novo pedestal alegórico ao necessário dinamismo do espírito latino, outrora forma sublime de exaltar a condição humana segundo padrões universais. O espírito cultural ocidental desmorona-se, e a dúvida existencial perdura nas mentes, já por si decapitadas pela corrupção, pela arrogância.

A música funciona para nós, não como módulo de contestação ou irreverência, mas sim como o escape perfeito para os atropelos constantes do espírito, para o atenuar do contexto deprimente que nos rodeia, que nos sufoca. Dessecar o pecado e o desejo através da mensagem sonora, é a instância última para descentralizar as emoções displicentes da alma misantrópica. Por vezes, a música reveste-se para o espírito nihilista, com uma atmosfera mística e sorumbática, mas sempre fluente e expressiva. Minimalizamos o som.

Os textos líricos irradiam sensações de estranheza obscura, de claustrofobia, como se o mundo acabasse amanhã, ou se o homem se tornasse escravo da sua própria decadência espiritual e moral.

Somos apenas o rosto da existência mediocre, da eterna convalescência moral, do irreversível combate de ideais, do insustentável ser, enquanto ser supostamente autónomo e perfeito.

Os NIHIL AUT MORS demonstram o sentimento repulsivo disso mesmo, representamos uma filosofia de conduta própria que nos é eminente no mais pequeno gesto quotidiano.

Somos o orgulhoso espelho da ineficácia do espírito actual. Ele já não se adapta às mutações. As mudanças. Tornou-se estático e imóbil. N.A.M significa todo o desenvolvimento pelo qual tem de passar o espírito (religioso/cultural) ocidental

A música dos NIHIL transporta as mentes para recantos macabros, quase mórbidos, onde a negritude de sentimentos prevalesce, e o pavor da degradação total da condição humana é omnipresente. O latim está na base do surgimento do autêntico e perfeito espírito orientador da existência humana.

A música é um dos meios divulgadores para a ascensão do dito espírito, e os N.A.M. são o expoente máximo dessa divulgação.

NIHIL AUT MORS

DESCRIÇAO SUMARIA:

- " NIHIL AUT MORS " : NADA OU A MORTE
- Constituição original: Victor Afonso (guitarra)
  Luis Prata (voz); Rui Monteiro (bateria) Adaixo (baixo)
- Existência da banda : 3 anos
- Influências musicais: Lydia Lunch; Joy Division; Siglo XX; The Fall.
- Influências filosóficas/ideológicas: Nietzsche; Schopenhaver; Kierkegaard
- Concertos: 4 realizados (um deles na 1ª parte dos Pop Dell'Arte)
- Ambições: difundir a mensagem do valor do espírito latino através da música.

CONTACTO: NIHIL AUT MORS
R. dos Anjos, 2 - Bairro da Luz
6300 Guarda

NIHIL AVT MORS

FENIX RENASCIDA

ARTUR GONÇALVES

CUMPRE-NOS TRAZÊ-LO DE NOVO À LUZ !

LISBOA 1975 - Vivia-se intensamente o P.R.E.C. com tomadas na rua da Misericórdia em que os militantes do MRPP davam cabazadas nos recém nascidos CDS em verdadeiras batalhas campais dignas dos saudosos tempos da 1ª República em que frades e outra padrecagem escusa era zurzida a varapau do Rossio à Rotunda.

A vida nocturna de certa Lisboa, feita de chulos, putas, gamos e contrabadistas saía da reclusão dos cabarés rascas, dos bares de 3ª categoria e dos lupanares do Bairro Alto para a rua.

A chegada das tão apergoadas liberdades na famosa madrugada abrilista haviam transformado o sub-mundo lisboeta em algo palpável do vulgar cidadão, amanuense das extintas repartições do Ministério do Ultramar.

Os negócios faziam-se na ponta da lingua ou da faca conforme a lata dos pintas,e o secretismo pequenino, favorecido pelos chuis de antes do 25 (como também se favorecia o futebol e a Nossa Senhora de Fátima exactamente pelas mesmas razões) desapareceu- - os pintas sairam das esquinas para tomar conta das ruas.

Com o passar dos meses e das "liberdades" os negócios foram-se avolumando, nomeadamente o contrabando - a prostituição é um negócio sorridente e honesto, e os cabarés enchem-se todas as noites.

As roupas da altura eram de pasmar - calça a tocar a ponta do sapato de cunha de 5 cm de altura tipo petroleiro, de cintura justa e sem algibeiras; camisa justa ao corpo com colarinhos cujas pontas ultrapassavam os ombros e pull-over de riscas berrantes e gola redonda, sem mangas; na coiffure - com o pente de alumínio que se traz sempre dentro da carteira; às vezes bigode "de arte" ; resta referir o maço de tabaco Negritas ou 2001 Control e o isqueiro na mão porque não há bolsos, quando não se usa casaco de veludo de cor vermelha ou aos quadrados, desbotado, com virados do tamanho de pistas de aeroporto e corte de blazer de empregado de mesa; para finalizar o toque de charme dado pelo óculo escuro tipo "pára-choque de camião" para não deixar ver as olheiras da noite anterior ou um eventual olho negro. Assim equipados os pintas da época estão prontos para a caça.

As "liberdades" dariam ás pessoas um estado de espírito eufórico.Toda a gente anda atarefada a fazer algo, a os outros fazerem algo, ou, simplesmente, a não fazer nada.

Também o fado mudou - expulso das tascas do Bairro Alto, da Madragoa e de Alfama pelas casas de fado de "qualidade" feitas para inglês pagar e português sacar, o fado vai cair de páraquedas na Brandoa e nos tascos e cabarés da Musgueira, bairro degredado por detrás de Benfica.

É dessa zona que sai o mais ilustre fadista dessa época - **ARTUR GONÇALVES** . De dia trabalha no porto de Lisboa e à noite passa pelo Verde Vinho no Intendente.Canta o fado com letras suas (as mais saborosas que jamais fadista algum cantou) que versam sobre temas da actualidade desde a política de última hora, á vida dos moinas da chumga.

Chama-se fado humorístico - de facto hoje ainda é dos retratos mais fieis dos ambientes lisboetas na época das euforias abrilistas.

Descoberto pela Interdisco (de Manuel do Tango, como me explicou um profissional do negócio dos discos que estava na berra na mesma altura) grava mais de uma dezena de singles e 5 Lps. O exito é estrondoso; nas feiras e romarias os hi-fis rascas dos vendedores de k7s piratas não querem outra coisa para adoçar o beiço ao labrego comprador; nas tascas as juke-boxes tocam os seus discos; alguns chegam à rádio, como por exemplo o clássico "A Chuva dos Partidos".

Sempre acompanhado por conjuntos de guitarras de eleição, entre eles o de Jorge Fontes, (não sei se ao vivo se enlatado) Artur Gonçalves grava na sua voz inconfundivel perto de 100 fados e temas populares adaptados por ele próprio; conta a história autentica do Portugal de 75 pela voz do povo da rua; a linguagem é a dos marginais com palavreado por vezes indecifravel para o ouvinte desprevenido (ex. sovaqueiro do xaço); são temas também, o sexo chungoso e por vezes hard-core (em "Tira, mete e tira"), a intrevenção política, a prostituição e chulice, o gamanço, em suma a malandrice em geral que foi retratada em algumas sequencias do Kilas de Fonseca e Costa.

Momento alto da sua carreira foi a colaboração com outro Manitas de Plata da altura de Quim Barreiros: o resultado, o LP "COINA" é inexcedivel - a voz de Artur,a guitarra de Fontes e o acordeão de Quim Barreiros misturam-se num autentico cocktail Molotov Celestial.

Se a parte de dentro dos discos é boa, a de fora não fica atrás : há de tudo, desde a cabeça de touro embalsemada ao cartaz de Spínola, das barracas da Musgueira ao frigorifico com auto-colantes, dos "Pides" mantidos em respeito por uma metralhadora de plástico às Marias semi-nuas saidas da primeira esquina da Avenida da Liberdade.

Omnipresente a figura de **ARTUR GONÇALVES** , de calça à boca de sino, casaco cintado e sapato de cunha "lucindo" os seus " ex-libris "pessoais: o penteado "à maneira " fixado a laca, a pulseira de ouro e a cebola da candonga pendurada no pulso esquerdo.

Nos dias de hoje em que a identidade nacional parece perder-se na furia das elites um colosso da mitologia nacional espera para renascer das cinzas.

Os Padrinhos e a Deusa

O segredo do sorriso da Mona Lisa nunca será desvendado,mas o sorriso, igualmente famoso e ainda mais sensual de Marilyn Monroe foi finalmente elucidado. Marilyn transmitia essa expressão empolada fixando ternamente a lente da objectiva e segredando para ela duas velhas palavras anglo-saxónicas que rimam com "duck",mas que não têm nada,mesmo nada, a ver com pássaros aquáticos.

Isto é uma das muitas revelações de "Goddess",o livro de Anthony Summers sobre a vida e a morte da maior sex-symbol da indústria cinematográfica.Mr. Summers informa-nos também como Norma Jean Mortenson, uma atraente mas usual morena, se transformou em "Marilyn",a explosiva louraça capaz de despedaçar os corações da América;começando aos 19, Norma estudou anatomia do mesmo modo que Napoleão estudou guerra, aprendendo como utilizar todos os músculos do seu corpo, praticando jogging diáriamente (20 anos antes de isso se tornar numa moda) e até levantando pesos.Na altura da sua metamorfose em "Marilyn",Norma não só encomendava todos os seus vestidos a um especialista, mas também os fazia literalmente no seu próprio corpo, para melhor mostrar os seus dotes; depois, bastava, perante uma câmara, segredar os tais monossílabos para hipnotizar os seus admiradores.

A criação de "Marilyn Monroe" foi um dos grandes feitos da arte e da engenharia da história dos Estados Unidos;depois da criação foi necessária uma grande dose de psicologia na animação do mito com numerosas etiquetas de menina inocente e de erotismo maturo e descarado.Uma verdadeira deusa tinha sido "fabricada",como qualquer psicólogo "Jungiano" concordará.Por detrás da deusa encontrava-se uma inteligente e intuitiva actriz e por detrás dessa actriz, Norma Jean uma mulher que nunca fora inocente, nunca se tornara matura e nem mesmo descarada.Norma era de facto, complexada, insegura, assombrada pelo pai que nunca conhecera, aterrorizada pela insanidade de sua mãe e finalmente uma mentirosa compulsiva, cuja capacidade de acreditar nas suas próprias fantasias nos relembra outro arquétipo americano, Ronald Reagan;para além da constante dependência das drogas e do alcoól ela era completamente paranóica, contudo também terá sido um génio pois é necessário mais do que talento para conseguir criar e manter a imagem de deusa na alma quando essa alma é assombrada por pesadelos e alucinações que vivem à sua volta.

A infância de Norma é suficiente para deixar qualquer um espantado.O antropólogo Ashley Montagu possui dados no seu livro (" A Direcção do Desenvolvimento Humano") que mostram que os orfãos adquirem mais doencas mentais, emocionais e físicas durante toda a vida, do que os não orfãos;têm tendência a engendar pelo crime e pela droga, morrem mais novos e chegam mesmo a ser um pouco mais baixos do que os filhos "normais".No caso de Norma o pai não teve a decência de morrer mas pura e simplesmente de desaparecer do mapa.Quanto à mãe retirou-se para o "asilo"; a jovem, passando de orfanato em orfanato e de pais adoptivos a pais adoptivos durante cerca de 16 anos, tornou-se psicológicamente mais orfã do que a maioria dos orfãos.Com tudo isto ficamos espantados com a facilidade de Norma representar cenas alegres e cómicas,sabendo das constantes assombrações a que estava sujeita;o espanto poderá ser relacionado ao episódio de uma girafa de três pernas dançando o can-can.Por comparação, nos papéis sérios, tal como a baby-sitter esquizofrénica em "Don't Bother to Knock", ou a fura-vidas ambiciosa em "Bus-Stop",Norma necessitava de menos arte: ambição e esquizofrenia estavam mais perto de Norma do que alegria e humor alguma vez estiveram.

De notar que conseguia ocasionalmente dar vida à deusa mesmo quando "fora da tela".Summers mostra que há dúvidas quanto à veracidade do famoso incidente de violação aos 12 anos - contou várias versões (muitas delas contraditórias) dessa aventura e como mentia regularmente tudo o que afirmava tinha que ser estudado cautelosamente - ainda assim era capaz de ser cómica sobre esse assalto ou fantasia - uma das vezes contou que tinha tido a sua 1-experiência sexual aos 7, quando lhe perguntaram:

"Meu Deus, que idade tinha o homem ?" respondeu mudando repentinamente para o tom de voz sensual,- "mais novo!"

Quanto a fazer sexo com os seus produtores, para subir na sua carreira, Marilyn afirmava: " não é nenhuma tragédia! nunca ninguém apanhou cancro por causa de sexo!"Acreditava Norma nisso?

-uma ou outra escrevia poesia com brilhantes resultados e acreditava que, sendo do signo Gémeos, como o seu ídolo Walt Whitman,estava destinada a ter duas personalidades.

Houve algum encobrimento na morte de Marilyn ? Summers apresenta provas concludentes de que a morte de Marilyn foi de facto encoberta durante cerca de três horas enquanto que desconhecidos retiravam cuidadosamente de sua casa toda e qualquer prova das suas aventuras amorosas com John e Bobby Kennedy.Summers mostra também que todo este encobrimento esteve a cargo de Peter Lawford, cunhado de John e Bobby, que previamente fornecera a sua casa para os ditos encontros amorosos. Não se sabe se Lawford sabia que estava a apagar pistas de um possível assassínio, ou se pensava, ou queria pensar, que estava apenas a esconder as pistas das sessões sexuais que se poderiam tornar politicamente embaraçosas.

A possibilidade de assassínio permanece mesmo como uma possibilidade (se bem que frequentemente abordada pela imprensa) aceite por Norman Mailer e apoiada pelo jornalista Hank Messick (ex-consultor do Comité Legislativo do Crime em Nova Iorque).Messick alega que delatores incógnitos da Mafia e do Dept. da Justiça acreditam que Marilyn foi assassinada para atrair Bobby Kennedy a uma armadilha chantageando-o de seguida, pois possuíam gravações dos vários encontros dos dois.Devido a isto, e ao facto de determinadas provas terem sido encobertas,não se pode contudo eliminar a hipótese de assassínio .

Alguns meses depois da morte de Marilyn, uma mulher de nome Mary Pinchot Meyer tornou-se noutra das amantes de John Kennedy.Era também uma grande amiga do investigador de LSD de Harvard, Dr. Timothy Leary e mulher de Cord Meyer, o oficial supremo da CIA,único a receber três vezes a medalha de inteligência daquela agênCIA.Em 1964, cerca de um ano após ao atentado a MM ,Mary Pinchot foi assassinada numa rua de Washington.Tornou-se evidente o risco que era ser amante do presidente dos EUA naqueles dias.

grafia de Leary, "Flashbacks", Pinchot informou-o em '62 que a CIA estava empenhada na sua própria investigação do LSD e tencionava impedi-lo a ele e a outros cientistas, de publicar os resultados do estudo. Mary informou também Leary sobre a guerra -em Washington- entre a facção Kennedy e a velha guarda da CIA. Leary afirma que houve também encobrimento na morte de Mary e menciona duas fontes de Washington que confirmam essa opnião.

Outra amante do presidente Kennedy, Judith Exner, veio à atenção do comité dos assassínios em 1978 pois na altura das suas aventuras com Kennedy era também amante de Sam Giancana, líder da Mafia de Chicago, homem que segundo constava teria os seus interesses na morte do presidente. O comité examinou sériamente a possibilidade de Giancana ter

UPI

Moments before the end, smiles and a wave

planeado os acontecimentos em Novembro de '63. No seu relatório, o comité concluiu que houve de facto uma conspiração e que o possível envolvimente da Mafia merecia investigação adicional; no entanto o conselheiro chefe do comité, Prof. Robert Blakey, acrescentou no relatório- "Estou plenamente convencido que a Mafia foi a responsável. É uma verdade histórica".

Acredita-se que Giancana estava fortemente envolvido no tráfico de heroína, daí querer John Kennedy morto pois acreditava que Bobby seria substituído do cargo de procurador geral na nova administração; (o que realmente aconteceu) - administração que

UPI

Kennedy after the shots: 'Why him? Why him?'

estava a dispender milhões no desmantelamento da rede de heroína e que ameaçava constantemente Giancana (assassinado em Junho de 75).

Dr Leary foi condenado a 37 anos de prisão em 1970 por alegada posse de um cigarro de cannabis, um crime normalmente punível com seis meses. Em 76 foi libertado, e encoberto por um rumor cuidadosamente orquestrado de que se teria tornado num informador do FBI. Actualmente está ligado à criacção de novo software.

Johnny Roselli, o rei da Mafia de Las Vegas, foi igualmente acusado de envolvimento no assassinato de JFK pelo Prof. Blakey e outros. Roselli foi morto em Julho de 76 depois de ter feito declarações ao comité enquanto esperava a sua vez para testemunhar.

Ainda, George De Mohrenschildt (um sócio próximo de Lee Harvey Oswald, em Dallas) que se encontrava ligado à CIA e à Mafia morreu de ferimentos (originados por tiros, mais uma vez) em Março de 77, quando se preparava para testemunhar perante o comité; aqui a polícia limitou-se a considerar um mero suicídio. Quanto a De Mohrenschildt e Giancana morreram ambos com tiros na boca, uma punição tradicional da Mafia aplicada aos informadores.

O momento mais provocatório nas gravações de Watergate ocorreu quando Nixon acorda em pagar a Howard Hunt um milhão de dólares para ele não divulgar " todas aquelas coisas sobre a Baía dos Porcos". É difícil imaginar que as "coisas" da baía ainda não tenham sido reveladas nas audiências do congresso, ainda assim a implicação do desejo de Nixon de pagar a Hunt $1.000.000 para se calar resultou de certa maneira pois ainda não vieram à luz do dia...

Parte da resposta a esta curiosidade pode ser encontrada num velho livro de Anthony Summers - "Conspiracy"- e em "The Yankee and Cowboy War" do Prof. Carl Oglesby onde se lê que os acima mencionados e agora defuntos Sam Giancana e Johnny Roselli estavam comprometidos com a CIA em vários planos para assassinar Fidel Castro- o que teria o conhecimento do presidente Kennedy - e que Howard Hunt, enquanto envolvido nestas conspirações com a Mafia, estava também comprometido com oficiais da CIA em raids clandestinos a Cuba, facto alheio ao presidente.

Outra parte da resposta pode ser encontrada no livro de Penny Lernoux "In Banks We Trust" que retrata a história de um banco - The World Finance Corporation em Miami, Florida - que "foi ao ar" depois de o procurador geral local ter acusado os responsáveis de "lavarem" intencionamente biliões de dólares provenientes do negócio da cocaína.

O presidente do WFC - Hernandez Cataya, que estivera também envolvido com Giancana, Roselli, Hunt e a CIA, em actividades clandestinas anti-Castro - e dois outros responsáveis do banco, descobriu-se mais tarde, serem antigos agentes da CIA. Lernoux, conclui que a CIA actualmente exerce domínio sobre o negócio da cocaína, que opera em associação com os neo-fascistas na Itália e na América do Sul e a conspiração pseudo-maçónica P2.

Lernoux documenta cuidadosamente que o WFC "lavava" o dinheiro da cocaína mandando-o num "carroussel" através do Cisalpine Bank nas Bahamas, pertencente ao arcebispo Marcinkus; do Vatican Bank, dirigido também por Marcinkus; e do

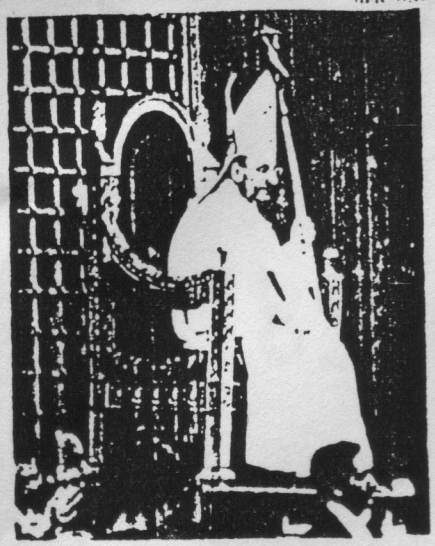
Banco Ambrosiano dirigido pelo já falecido Robert Calvi mas propriedade da Mafia e da conspiração P2. Penny documenta também que Licio Gelli, grão-mestre da P2, foi um agente a CIA desde os anos 40. Estranha coincidência...

Membros da hierarquia Irlandesa têm sido tão vociferantes na defesa da ingenuidade do arcebispo Marcinkus que hesitam em tirar qualquer conclusão sobre a sua colaboração nisto tudo. É bem possível que a sua inocência seja tão extra-mundana que o tenha levado a pensar que estava a negociar botinhas para bébé. No entanto no princípio dos anos 70, Marcinkus recebeu da família (Mafiosa) Johnny Roselli um stock de falsificações e imitações no valor de mil milhões de dólares, segundo Richard Hammer (reportér da N.Y. Times) em "The Vatican Connection". É possível que mesmo nessa altura o arcebispo tenha pensado que estava a negociar as tais botinhas, mas como qualquer um pode pensar, admiro-me porque é que ele não estranhou quando recebeu falsificações em vez de mercadoria para crianças. Bem, os mistérios da fé estão para além da nossa razão..

1978, o "Osservatore Politico" mandou ao Papa João Paulo I dados sobre a infiltração da Mafia/P2 no Vatican Bank. Este mesmo Papa, morreu súbitamente em circunstâncias misteriosas; o editor desta revista, Mino Percorelli, foi subsequentemente assassinado em Roma. Percorelli, tal como Roselli e De Mohrenschildt na América , foi morto com um tiro na boca. Estranhamente Klaus Barbie, criminoso de guerra Nazi, protegido pela CIA durante cerca de 30 anos, estava também associado às actividades financeiras e políticas da P2 na América do Sul. Licio Gelli, o agente da CIA que fundou a P2, foi preso na Suíça mas conseguiu escapar inexplicavelmente duma prisão de máxima segurança e anda em liberdade no Uruguai.

© 1965 Robert Jackson—Dallas Times

Jack Ruby slays suspect Lee Harvey Oswald.



Bobby Kennedy, depois de ter sido afastado do cargo de procurador geral pelo presidente Johnson, decidiu candidatar-se à presidência em 1968, apresentando poteiais problemas à Mafia, mas felizmente para eles, havia um assassíno solitário à mão. Desde a morte de Bobby,a Mafia tem tido poucos problemas nos E U: Michele Sindona, advogado da Mafia e membro da P2, foi convidado de honra

Only after much public urging did Pope John Paul I permit himself to be borne in a papal chair. His pontificate lasted 33 days. Karol Cardinal Wojtyla, *below*, addresses the crowd following his election as pope. He chose the name John Paul II.

numa festa de inauguração de Nixon; e Licio Gelli, o próprio grão-mestre, aparece nas fotografias da segunda festa de inauguração de Ronald Reagan. Ele e Reagan sorriem, como se entre eles tivesse sido contada uma anedota. De tudo isto podemos extrapolar três factos relevantes que são quase sinédoques do nosso crescente mundo clandestino:

1º O dinheiro da cocaína, "lavado" pelo arcebispo Marcinkus, ajudou a financiar os esquadrões da morte que assassinaram o arcebispo Romeros, que servia o mesmo deus e a mesma igreja que Marcinkus; vivemos todos num romance de Le Carré.

2º Na simbiose entre a Mafia e a CIA, os gangs mafiosos pensam que estão a usar os "fantasmas" e estes pensam que estão a usar os gangs, e um deles está terrívelmente enganado.

3º Bobby Kennedy terminou a relação com Marilyn quando soube, através de escutas do FBI, que a Mafia estava a par das suas aventuras. Contemplem isto: enquanto o departamento de justiça controlava a Mafia, esta, através de escutas, controlava o chefe do departamento. É mais que uma sinédoque, é uma epifânia Joyceana.E Norma Jean, a neurótica que criou e se transformou em MM ? Cresceu com uma adoração típica americana por Abraham Lincoln, um símbolo paterno perfeito para orfãos; penso que quando Norma ia para a cama com Jack Kennedy imaginava que o estava a fazer com Lincoln e com a História. Ninguém a avisou que a História é um desporto sangrento, e o único onde as principais vítimas são os espectadores inocentes.

Era tão bela como o Parténon ao luar, misteriosa como uma pintura surrealista e tão difícil de esquecer como um canguru numa

orquestra sinfónica. Eu ainda a lamento, atormentado pelo desejo de ela ter encontrado mais do que alcoól e comprimidos para aguentar as noites solitárias.O que nos deixa só uma nota para concluir esta odisseia através do sub-mundo americano e das intrigas internacionais: qual a origem de toda a heroína que circula nas ruas de Lisboa? (*)

(*)do texto original, "Project One", alterámos uma única palavra. Porque não Lisboa?

ANTES DA SAÍDA PARA A GRÁFICA TINHAMOS ESTE ESPAÇO A5 COMPLETAMENTE EM BRANCO.

UM ESPAÇO A PEDIR PALAVRAS. PALAVRAS DOS OUTROS.

POR ISSO AQUI ESTAMOS ESPERANDO MATERIAL VOSSO PARA FUTURAS EDIÇÕES.

ENQUANTO ISSO NÃO ACONTECE FICA UMA CHAMADA DE ATENÇÃO PARA OUTRAS PUBLICAÇÕES TIPO FANZINE QUE CIRCULAM (COM MUITA DIFICULDADE) NO NOSSO MERCADO CULTURAL.

SÃO ELAS:

O **CAMPO DE CONCENTRAÇÃO** UM FANZ JÁ NO Nº 5 COM MATERIAL SUFICIENTEMENTE PODEROSO PARA ENFRENTAR QUALQUER CAMARA DE GAZ. PODEM ADQUIRI-LO (50 PAUS) VIA:

HUMBERTO
R. A/B LOTE 45 ESQ 2745 QUELUZ

NEUE SONNE PUBLICAÇÃO NORTISTA DOS PROJECTOS INDEPENDENTES FACADAS NA NOITE. CONTACTO:

JORGE PEREIRA
R. DR. ALBERTO CRUZ 50 4700 BRAGA

BOM, E É TUDO POR AGORA, FICAMOS À ESPERA.

BÉRICO

E DEPOIS DO 28 ?

Oscar Wilde revolveu-se no túmulo - toda a sua obra poderá ser proibida.
Do mesmo modo parte do trabalho de Shakespeare poderá ser censurado.
Brideshead Revisited, My Beautiful Laundrette, East Enders entre outras serão banidas dos écrans. os promotores de espectaculos dos quais façam parte elementos homossexuais (assumidos) serão processados. um professor que fale sobre homossexualidade numa perspectiva de aceitabilidade estará a cometer uma ilegalidade.
A liberdade, a decência e o respeito pelo ser humano parecem ter sido empacotados e exportados para longe da Gra-Bretanha, para muito longe.

A manietação da liberdade do individuo, enquanto tal, surge mais uma vez na excrecência europeia dos E.U.A. (vulgo U.K.), onde presentemente a demência megalómana de Margaret Thatcher ultrapassa a imbecilidade congénita de Ronald Reagan.
A curiosidade factual está na criação de um pensamento colectivo que simplesmente se reduz ao poder. Este autismo/autoritarismo (nazismo ?) advém da simples conclusão por parte do poder, de que os votos conferem liberdade total de actuação, e se necessário, humilhação, desprezo...
Da análise do amago da actuação de Thatcher surge um colossal paradoxo:
Será que a liberdade individual restringe-se apenas à economia onde a iniciativa privada (sinónimo de liberdade individual para os neoliberalismos conservadores da presente década) é amplamente estimulada ? ou será que tudo não passa de uma constrangedora massificação apoiada numa actuação social sobre o comportamento, de modo a despojar-nos de qualquer contexto de individualismo ?
Os direitos humanos para Thatcher existem apenas para clamar que não são cumpridos nos paises de leste e ficar esquecida relativamente aos seres não menos humanos que habitam o território que controla.
Novamenete a ambição Hitleriana da união de um estado "puro" de individuos iguais normalizados irrompe no planeta. Agora , não tanto em jogo a genetologia ou as caracteristicas fisicas, mas sim o comportamento sexual do ser, residindo aqui a peculariedade da lei, pois esta não ataca directamente os homossexuais mas sim todos aqueles que derem voz ao seu ideário. Quando a situação no Fifth First State se cifra em meio milhão de individuos vivendo na rua e 3,5 milhões de desempregados convém desviar a atenção da povoação criando inimigos colectivos como outrora alguém também os criou.
Agora foi a comunidade homossexual, quem será a seguir ?

"MY VIOLENCE IS A DREAM"

"My violence is a dream"

"O cavalo é bom !" -disse o Bébé exibindo à pose perante o olhar indiferente do motorista da Carris. "É, corre bem" -concluiu,seco, o Fanã,já o autocarro arrancara.

A atmosfera no laranja é pesada, quente e difícil de engolir.O pouco ar que se infiltra pelas janelas vem carregado de pó do Cambodja.

Tropeçando nos solavancos da partida, o Fanã procura e encontra um banco vazio nas traseiras do transporte público, enquanto o Bébé tenta convencer o obliterador a picar-lhe os módulos.Cumprida a missão,sorri,descontrai-se e é a pensar na fresca brisa prateada do quarto do Homem, que ergue o rosto, tentando descortinar o amigo.O Homem - sempre ouvira a malta do Cambodja tratar assim o Fanã e aprendera com eles - acenou-lhe e ele reparou no lugar, do lado da janela,à sua espera.

Entretanto, deu conta de os passageiros se mexerem o menos possível - como se posassem para o antigo fotógrafo da Alameda - apenas as bruscas manobras do motorista poderiam alterar a pose e o puzzle dos corpos suados ou tremer a foto.

Aproveitou a pausa da última paragem da Avenida Comes da Costa para se instalar.Ao sentar-se, sentiu o suor das costas e das coxas ensopar a poeira das calças e da camisa. Veio-lhe uma irresistível vontade de se coçar, fê-lo sem decoro algum.

"Controla-te" - sussurrou o Homem, de olhos fixos no outro.

"Acho que é uma pulga a morder-me" - retorquiu, em tom de falsete o Bébé, brindando a plateia da cozinha do 17 B com a apatetada expressão de quem se cruza com a tipa do anúncio da Martini em plena acção.

"Está tudo a olhar para ti, esquece" - voltou à carga, sem elevar a voz, o Homem.

A luminosidade cegava-o.Correu a cortina até meio da janela, o ar assim não entrava.Ao chegar ao Relógio, sentiu-se encharcado, a derreter.Olhou, curioso, os outros passageiros e assustou-se: pareciam bonecos de neve cinzenta a diluirem-se.A seu lado, o Fanã permanecia mudo, de olhar pousado nas nucas do casal de idosos do banco da frente.Observou mais atentamente e espantou-se com a nítida e seca figura do parceiro.Podia estar tranquilo;tinha quase a certeza que as pessoas não eram cubos de gelo que desaparecem em poças de água numa simples viagem de autocarro.

Ao desaguar na Rotunda, lembrou-se imediatamente de alguém ter falado do Relógio como um carrocel enlouquecido, que em vez de girar alegres criaturas se dedica a primitivos ensaios de fogo de artifício. Facilmente pensou que, se em vez de criaturas humanas fossem formigas, seria bem mais rápido contornar metade do confuso nó rodoviário.

Depois de despejar parte dos utentes no início da Cago Coutinho, o laranja aproximou-se lentamente do distante sinal vermelho.Ao enfiar na Estados Unidos, rolava tão devagar, que o Bébé, julgando terem parado, perguntou ao agora menos numeroso público da carreira 17 B :

-" Esperamos algum avião ?" - impedido, pela cortina, de reconhecer os prédios esbranquiçados e semeados em rectângulos, no cruzamento da Cago Coutinho com os Estados Unidos. Enquanto aguardava pela resposta uma senhora de meia idade ergue-se no banco de napa acastanhada, premiu o botão de parar, e dirigiu-se à porta.Aí chegada e talvez estimulada pelo espaçoso hall do laranja,deu réplica ao Bébé com um breve mas elucidativo número revisteiro, cujo texto diria mais ou menos isto: " vagabundos, rapazes novos que só querem cama, música alta e chafurdar na droga ".Saiu de cena com o filme todo tremido, já que a sua meteórica actuação despoletou mais gestos na considerável assistência que quase mil metros de avenida no trânsito lisboeta, dentro de um veículo da Carris. Entravam já no Largo da Igreja e o Bébé, esmagado pelo talento Bormaniano da mulher, ainda tinha a boca aberta.

" Acorda chavalo " - soletrou o Fanã.

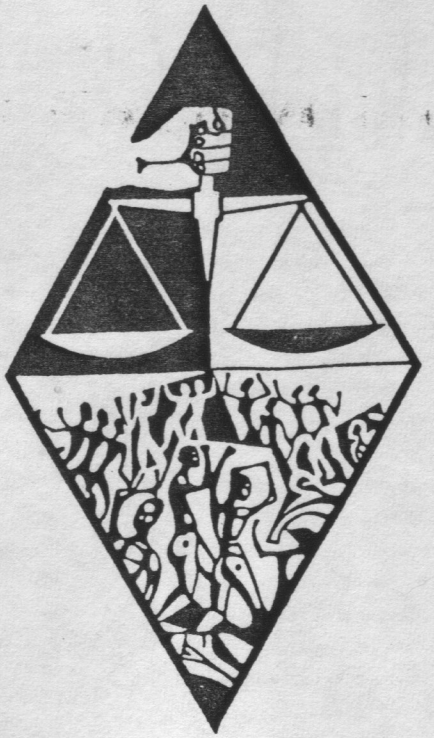
A viagem a bordo do 17 B acabou com uma macia travagem na paragem em frente à Sulamérica.Ele sabia que agora iria a casa duns tipos com os quais passaria a encontrar-se todos os dias, ou quase.Moravam algures para os lados do Centro Comercial de Alvalade; o Fanã explicara tudo muito bem.Ele aceitara e até ficara contente, além de passar a ter as chinesas à borla ia conhecer pessoas fora do Cambodja.O Homem dissera: "Se tiveres juízo safas-te à grande". Porque não ?

Era um prédio dos antigos, tipo bairro social do Estado Novo, cor-de-rosa velho,sem elevador.Subiram ao primeiro andar, o Fanã accionou a campainha.A porta abriu-se e apareceu uma rapariga que os convidou a entrar.No rádio da sala "Ecos" do resto "do Império" faziam-se ouvir:

"Que fazes com a carteira do Tó?
Quero guita para ir buscar pó".

"Oub'Lá" - Mão Morta

Tadeu Saavedra



A possibilidade de compararmos diferentes modos de acção e nos decidirmos por aquele que parece o mais adequado, é designado por "livre vontade". Possuirá o homem essa aptidão? de facto estou plenamente convencido que não a possui, e mais, que ser-lhe-á impossível possui-la.

Todas as nossas ideias assentam em causas físicas e materiais que nos guiam para além de nós próprios, porque estas causas pertencem à nossa organização e aos objectos exteriores que nos influenciam; as nossas motivações são o resultado destas causas, pelo que não são livres.

Postos perante várias situações, hesitamos. Mas na altura de decidirmos, a nossa mente não depende de nós, e quando nós pensamos que demonstrámos a nossa livre vontade da forma mais irresoluta, é quando fomos mais facilmente manipulados sem opormos qualquer resistência. São as pressões e impulsos dos nossos vários orgãos que nos conduzem, nunca dependendo de nós a execução dum acto em vez de outro. Resumindo, somos sempre movidos como escravos da necessidade.

A hesitação e indecisão fazem-nos acreditar nessa utopia da liberdade de escolha, mas essa pretensa liberdade, não é mais que o instante em que dois pratos de balança se equilibram, pois, mal a decisão é tomada, é porque um lado é mais pesado que o outro, não sendo nós a causa desse desiquilibrio, mas sim, os objectos físicos que agem por nós e nos transformam em meros fantoches de todas as convenções humanas.

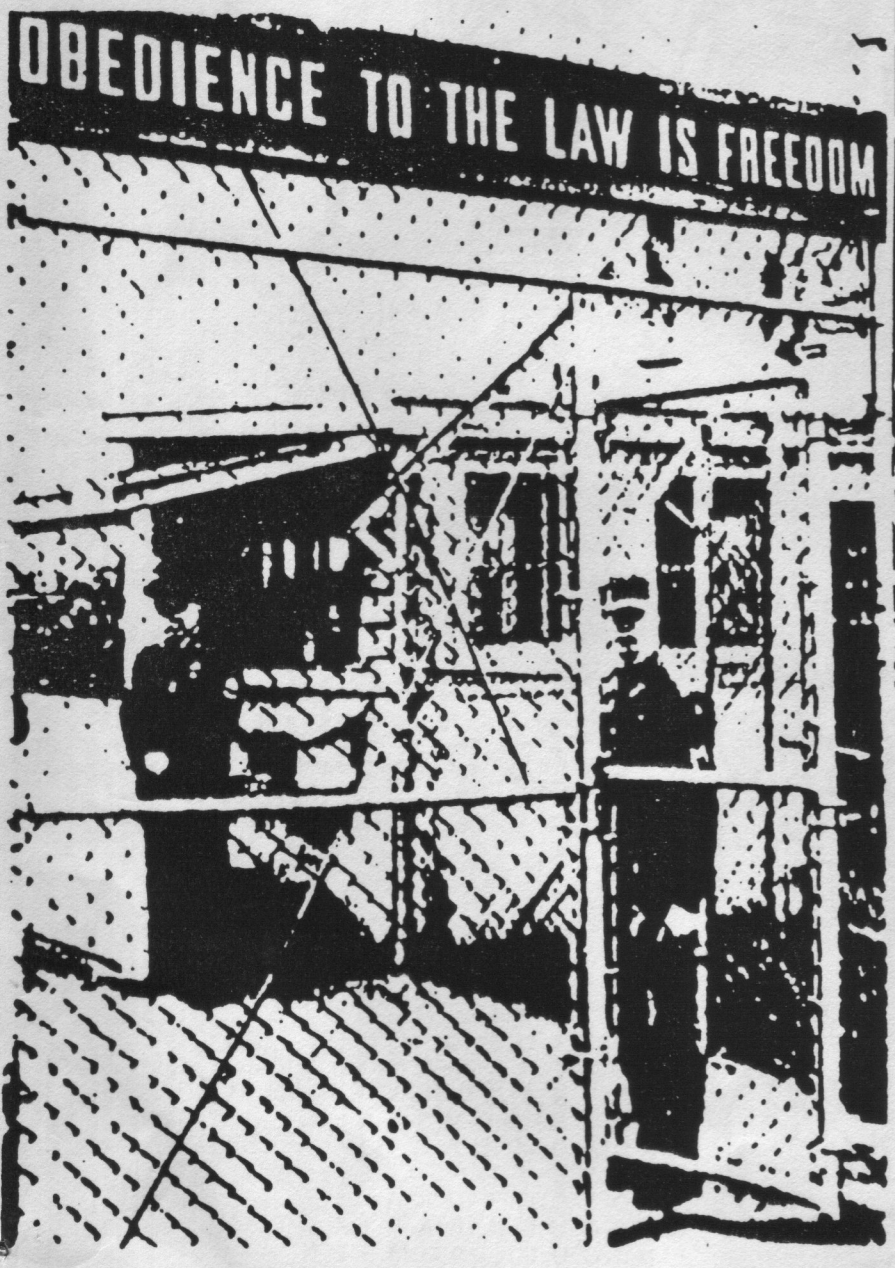
MARQUIS DE SADE

A LIBERDADE

DOSE DE REALIDADE

A CENSURA NÃO PODE EXISTIR AQUI
A CENSURA NÃO PODE EXISTIR AQUI
A CENSURA NÃO PODE EXISTIR AQUI
A CENSURA NÃO [illegible]

LIBERDADE DE EXPRESSÃO
WARREN OSTER



DE EXPRESSÃO

PARTICIPAÇÕES

ANTÓNIO CARVALHO
ANTÓNIO MENDES
CARLOS DIDELET
EUGÉNIO TEÓFILO
FERNANDO MAGALHÃES
FRED SOMSEN
JOAO DUARTE
JOSÉ FAÍSCA
JOSÉ MOURA
MIGUEL BAPTISTA
MIGUEL SOMSEN
NIHIL AVT MORS
PAULA RIBEIRO
PAULO SOMSEN
RICHARD FRANOUX
SANDRA CUNHA
TADEU SAAVEDRA